



ANO 6 - NÚMERO 75 - JANEIRO 2021

apuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

VACINAS: BRASIL PERDE O BONDE DA HISTÓRIA

p. 08

ECOLOGIA

Perdemos a combinação da senha

p. 22

SAÚDE

Vacunación para usted, general Pazuello

p. 38

UNIVERSO FEMININO

Oxum: a dona do ano 2021

p. 48



CAIXA 160 ANOS

Orgulho dos
Brasileiros

#MEXEUCOMACAIXAMEXEUCOMOBASIL

#PRIVATIZANÃO

A Caixa é o maior banco público da América Latina e o principal agente de políticas públicas no Brasil.

É na Caixa que os brasileiros realizam o sonho da casa própria, recebem Auxílio Emergencial, financiamento do FIES e crédito para o pequeno negócio.

A Caixa trabalha para o desenvolvimento do Brasil, gerando emprego, distribuição de renda e inclusão social. Por isso, lutamos por uma Caixa 100% pública para todos os brasileiros e brasileiras!



“ Não pense que a fúria da luta contra as opressões pode ser controlada. Eu sou parte dessa fúria. Não sou seu entretenimento, sou o fio da navalha da história feito música no pescoço dos fascistas. E dos neutros. Não conte comigo para niná-lo. Não vim botar você pra dormir, aqui estou para acordar os dormentes. ”

Chico César

COLABORADORES/AS - JANEIRO

Ailton Krenak - Escritor. Alfredo A. Saad - Professor (*in memoriam*). Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Elson Martins - Jornalista. Emir Sader - Sociólogo. Emir Bocchino - Designer Gráfico. Iêda Leal de Souza - Professora. Iêda Vilas-Bôas - Escritora. Jaime Sautchuk - Jornalista. Janaina Faustino - Gestora Ambiental. José Gil Barbosa Terceiro - Folclorista. José Ribamar Bessa Freire - Professor. Leonardo Boff - Ecoteólogo. Lúcia Resende - Professora. Luís Cláudio de Oliveira - Professor. Luiz Martins da Silva - Poeta. Manoel de Barros - Poeta (*in memoriam*). Paulo Freire - Patrono da Educação brasileira (*in memoriam*). Rachel de Queiroz - Escritora (*in memoriam*). Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno - Escritor. Rejane Araújo - Poeta. Zezé Weiss - Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk - Jornalista. Zezé Weiss - Jornalista. Agamenon Torres Viana - Sindicalista. Ailton Krenak - Escritor. Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Ana Paula Sabino - Jornalista. Andrea Matos - Sindicalista. Ângela Mendes - Ambientalista. Antenor Pinheiro - Jornalista. Cleiton Silva - Sindicalista. Elson Martins - Jornalista. Emir Sader - Sociólogo. Fernando Neto - Advogado. Gomercindo Rodrigues - Advogado. Graça Fleury - Socióloga. Iêda Leal - Educadora. Iêda Vilas-Bôas - Escritora. Jacy Afonso - Sindicalista. Jair Pedro Ferreira - Sindicalista. Júlia Feitoza Dias - Historiadora. Kleitton Moraes - Sindicalista. Lucélia Santos - Atriz. Rosilene Corrêa Lima - Jornalista. Trajano Jardim - Jornalista.



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.801-970 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



A sociedade reclama, e as emissoras de TV mostram, com bastante frequência, imagens degradantes de hospitais lotados, com atendimento precário. O diagnóstico é sempre o mesmo: faltam leitos, equipamentos e mesmo médicos e outros profissionais de saúde. O quadro chocante é recorrente.

A crise provocada pelo Coronavírus agravou severamente a situação, mas as deficiências apontadas são crônicas. Ao mesmo tempo, no entanto, o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro é apontado como um dos melhores do mundo, pela sua estrutura orgânica e pela sua abrangência – é um sistema universal, que atende toda a população, indiscriminadamente.

Ademais, o SUS tem a responsabilidade de cuidar de todo indivíduo, desde antes do seu nascimento. Nisso, a vacinação sistemática, regular e gratuita tem grande importância. É fator responsável pela eliminação de várias doenças que, de outro modo, estariam matando muita gente, dia após dia.

O Programa Nacional de Imunização (PNI), que é parte do sistema, funciona regularmente, mas falhou neste momento, quando o mundo inteiro iniciava campanhas de vacinação. O governo federal assumiu posição contrária à vacina. Assim, o Brasil perdeu seu papel de pioneiro nessa área e deixou ao léu, de modo desesperador, todos os que aguardam a vacinação com ansiedade.

De nossa parte, restou colocar o assunto como tema da matéria de Capa da edição nº 75 da Xapuri, de modo aprofundado, em busca das razões de tamanho descalabro. Mas não ficamos só nisso – muitos outros temas são abordados nessas páginas que começamos a folhear, com criatividade nas ilustrações e exclusividade nas abordagens.

Nossos colunistas, editores e ilustradores ficam na torcida, como todos, à espera de vacinas – e seguem adiante, com esperança. Vamos juntos.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Parabéns pela luta. Estou junto. Sou bióloga, defensora da biodiversidade e contra as agressões à natureza.

Jussara Pinna – Florianópolis – SC

Parabenizo a Xapuri por essa grande oportunidade de contribuir com as causas políticas tão urgentes na sociedade brasileira e dos nossos povos latino-americanos.

Lucas Soares Fraga – Goiânia – Go

Obrigada pela Revista e um beijo grande a toda a equipe da Xapuri.

Muriel Saragoussi – Manaus – AM



Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri

@mateusrauber

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



Xapuri 75

SOCIOAMBIENTAL

JAN 21

08 **CAPA**
Vacinas: Brasil perde o bonde da história

19 **GASTRONOMIA**
Mal-assada

15 **BIODIVERSIDADE**
De quati

20 **CONSCIÊNCIA NEGRA**
Terreiros e antirracismo em Guapimirim-RJ

18 **CONJUNTURA**
Leituras fundamentais para estes tempos

22 **ECOLOGIA**
Perdemos a combinação da senha

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

25 **CERRADO**
A caliandra

28 **HISTÓRIA SOCIAL**
Lula: o amigo do Acre

31 **LITERATURA**
Amores-sementes

33 **FORMOSA**
Ford 1920, modelo T: o primeiro carro a chegar em Formosa

36 **DICA ECOLÓGICA**
Como prevenir uma picada de cobra

37 **EDUCAÇÃO**
Esperança

38 **SAÚDE**
Vacunación para usted,
general Pazuello

41 **MITOS E LENDAS**
Maria Conga

44 **SAGRADO INDÍGENA**
Do sonho e da terra

46 **SUSTENTABILIDADE**
Feng Shui: a filosofia chinesa do cuidado

48 **UNIVERSO FEMININO**
Oxum: a dona do ano 2021



VACINAS:

BRASIL PERDE O BONDE DA HISTÓRIA



No mundo inteiro, desde o ano passado já foram deflagradas campanhas de vacinação contra o Coronavírus, a doença que assola a humanidade e começa a ser controlada por meio de vacinas. O Brasil, no entanto, perdeu o bonde da história e, contrariando seu tradicional pioneirismo neste campo, demorou a perceber a urgência dos procedimentos que a sociedade aguarda com ansiedade. As mortes em decorrência desse mal já somam mais de 200 mil no País.

A imunização é um processo permanente, sem prazo de duração. Seus resultados aparecem nas estatísticas de saúde pública, mas são sentidos pela população no cotidiano. Segundo o Ministério da Saúde, em 1930 as doenças infecciosas e parasitárias representavam 45,7% do total de óbitos no Brasil, índice que despencou pra 4,3% em 2010. Na década de 1980, sarampo, poliomielite, rubéola, síndrome da rubéola congênita, meningite, tétano, coqueluche e difteria causaram 5,5 mil óbitos em crianças brasileiras de até 5 anos de idade. Em 2009, foram 50 óbitos.

Muitas pessoas, inclusive profissionais de saúde, nos dias de hoje desconhecem diversas doenças, extintas graças ao efeito das vacinas aplicadas no passado, em campanhas de amplo alcance. A compreensão da importância da vacinação parece prevalecer, aliada ao desenvolvimento científico e tecnológico, ao trabalho dos gestores e ao senso de responsabilidade dos cidadãos. Isso reforça a consciência de que vacinar uma criança significa muito mais do que sua proteção individual, pois sustenta uma condição de saúde coletiva alcançada com muito trabalho e esforço.

No entanto, o Programa Nacional de Imunização (PNI), que é referência mundial consagrada pela sua eficácia, agora não funcionou a contento. Quando alguns procedimentos práticos foram acionados, no sentido da compra de vacina, a falta de planejamento e logística gritou mais alto. O governo se deu conta de que não havia comprado seringas e agulhas – e passava a ter dificuldades de aquisição desses produtos, que se tornaram escassos no mercado, em função da enorme procura no mundo todo.

Pura imprecação, que afeta com gravidade a população. Esta, ao contrário, é incentivada a descumprir as normas da Organização Mundial da Saúde (OMS), que sugerem recolhimento e isolamento, na maior escala possível, em todos os continentes. Variações climáticas, geográficas, populacionais ou econômicas não alteram em nada essas recomendações. Mas este não é o caso do Brasil, onde o próprio presidente da República seguidamente faz declarações ou toma atitudes que seguem no sentido contrário, sugerindo a aglomeração e o convívio aproximado das pessoas. Muita gente segue.

Na virada do ano, o chefe do governo chegou a chocar quando desceu de uma embarcação e



Foto: Divulgação

saiu nadando pela água do mar em Praia Grande, no litoral paulista, sem máscara de proteção, distribuindo abraços e se encostando a banhistas pra bater fotos. A volumosa concentração foi armada com grupos de bolsonaristas, como forma de desafiar o governador de São Paulo, João Dória (PSDB), autor de medidas de compra e distribuição de vacinas, com início da aplicação prevista pra janeiro, não apenas no estado.

Em verdade, o descompasso entre as orientações do governo federal e aquelas emitidas pelos órgãos internacionais, ou mesmo por setores técnicos do Ministério da Saúde e por cientistas de instituições de pesquisa brasileiros, deixa a população confusa. É certo que os governos estaduais e municipais têm autonomia e podem adotar medidas localizadas, de curto alcance, mas a ausência de um comando nacional unificado, firme e sintonizado com o restante do Planeta, faz muita falta – o que é mais que evidente na realidade brasileira.

“A ciência e a mídia, em sua grande maioria, fazem um trabalho muito bem-feito, só que a sociedade está desorientada, porque os poderes políticos não conversam”, afirmou Gustavo Cabral, imunizador e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista ao Correio Braziliense. “Por mais que a gente tenha a vacina, essa desunião pode fazer com que qualquer estratégia vá por água abaixo. Temos que ter essa união dos poderes para imaginarmos que, em 2021, conseguiremos controlar a doença”.

Surgiram agora, em plena movimentação do mercado de insumos de vacinas, alegações de governantes federais de que a manutenção de plena cobertura é bastante cara, como se essa fosse uma grande novidade. O custo da imunização ao sistema público de saúde, entretanto, é irrelevante diante dos resultados que apresenta. Começa pelas vidas que salva, mas é preciso levar em conta o valor da ocupação de hospitais e os serviços de atendimento de profissionais de saúde a populações doentes por não terem recebido atendimento preventivo.

POSIÇÃO OFICIAL

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), organismo brasileiro que regulamenta o setor, foi aparelhada e serviu de freio às iniciativas que pudessem colocar o Brasil na dianteira do processo de produção de uma nova vacina. E órgãos tradicionais na pesquisa e produção de vacinas, como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Instituto Butantan, foram vítimas de tentativas de desqualificação por parte de membros do primeiro escalão do governo federal.

Estranhamente, a Anvisa passou a ditar normas demais e dificultou o acesso brasileiro a vacinas já produzidas e registradas em muitos países. Em tese, quando um órgão similar ao brasileiro adota uma posição, a medida vale pra todos, sem necessidade de pedir as mesmas comprovações ou

APOIO E REVOLTA

documentações. Mas não foi esse o caso da agência curiverde, que adotou uma postura burocrática, rígida, o que dificultou o trabalho de instituições de pesquisa e produção.

O processo foi amplamente criticado por entidades e por especialistas, a ponto de a Anvisa divulgar nota pública dizendo que não era contra a vacina. Mas não era isso que se via na realidade, pois as ações práticas seguiram na mesma toada, dificultando a atividade e retardando um possível início de vacinação no País.

Inicialmente, o alvo parecia ser as vacinas desenvolvidas na China e na Rússia, o que daria um inexplicável caráter ideológico ao problema, num momento em que a emergência deveria ditar as normas de procedimento dos órgãos ligados ao setor. Mas os produtos de origem chinesa e russa acabaram chegando por outras vias, através de governos estaduais, e se colocaram em igualdade de condições no que seria o mercado de produtos de saúde, mas todos enfrentaram as mesmas dificuldades. O órgão federal passou a aprovar importações minúsculas, distantes das necessidades brasileiras pra uma cobertura verdadeiramente abrangente.

A postura da Anvisa acabou gerando outras confusões, como a de que laboratórios privados passariam a importar vacina, em lugar do Estado brasileiro. Este seria o caminho mais curto pra adoção de uma política seletiva, onde o poder aquisitivo passaria a dizer quem teria e quem não teria direito à vacinação. O Sistema Único de Saúde (SUS) seria deixado em segundo plano, quando é seu papel universalizar o alcance das ações de saúde pública, fazendo com que chegue aos mais remotos rincões, nas cidades e no campo.

As vacinas são parte importante da história da saúde pública no Brasil, especialmente a partir do início do século XIX, quando o Rio de Janeiro passou por várias reformas modernizantes. O Rio era foco endêmico de diversas doenças, entre elas, febre amarela, febre tifoide, impaludismo, varíola, peste bubônica e tuberculose. Destas, a febre amarela e a varíola causavam o maior número de vítimas na capital. As tripulações e passageiros que chegavam ao porto muitas vezes sequer desciam dos navios para não contrair tais doenças. No mesmo período, o Rio passava por ampla reforma urbana.

O médico Oswaldo Cruz ficou encarregado do saneamento da cidade, com a intenção de enfrentar a febre amarela, a varíola e a peste bubônica. Para tal, exigiu de Rodrigues Alves, então presidente da República, a mais completa liberdade de ação e de recursos financeiros. Em 1904, os serviços sanitários foram reformados, suprimindo-se a dualidade de atribuições entre os governos municipal e federal. Assim, Cruz podia invadir, vistoriar, fiscalizar e demolir casas e construções, além de contar com um foro especial, dotado de um juiz especialmente nomeado para dirimir as questões e dobrar as resistências.

Em primeiro lugar, Oswaldo Cruz enfrentou a febre amarela, atacando a doença por meio da eliminação dos mosquitos e pelo isolamento dos doentes em hospitais. As casas e casarões eram cobertos com panos e os mosquitos mortos no seu interior. Logo a seguir, ele se voltou à peste bubônica, cujo combate exigia a exterminação de ratos e pulgas e a limpeza e desinfecção de ruas e casas.



As ações do governo não foram bem recebidas pela população, em especial pelos proprietários de casas de cômodos e cortiços considerados anti-higiênicos, obrigados a reformá-los ou demoli-los, e pelos inquilinos forçados a receber os empregados da saúde pública, a sair das casas para desinfecções, ou mesmo a abandonar a habitação quando condenada à demolição.

O combate à varíola, por sua vez, dependia da vacinação. Um projeto de lei que tornava a vacina contra a varíola obrigatória em todo o território nacional foi aprovado em 31 de outubro de 1904. Militares positivistas lideravam a oposição à vacina, inclusive no Congresso Nacional. Fora do Congresso, o combate à obrigatoriedade se deu principalmente na imprensa e por listas de assinaturas que foram enviadas ao Congresso. Após a aprovação do projeto de lei, foi fundada a Liga Contra a Vacina Obrigatória.

Havia grande irritação popular com a atuação do governo na área da saúde pública, especialmente no tocante às vistorias e desinfecções das casas. Adveio, então, a Revolta da Vacina, um motim

popular ocorrido entre 10 e 16 de novembro de 1904 na cidade do Rio. Seu pretexto imediato foi a lei da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, mas também é associada a causas mais profundas, como as reformas urbanas que estavam sendo realizadas pelo então prefeito Pereira Passos e as campanhas de saneamento lideradas por Oswaldo Cruz.

Nas justificativas dos abaixo-assinados enviados à Câmara por operários e militares constava como motivo de queixas a invasão de casas, a exigência de saída dos moradores para desinfecção e o dano causado aos utensílios domésticos. Também havia um certo medo em relação à vacina propriamente dita, e a oposição buscou dar à campanha contra a vacinação um tom moralista, explorando a ideia da invasão do lar e de ofensa à honra do chefe de família ausente, ao se obrigarem suas filhas e mulher a se desnudarem perante estranhos para a aplicação da vacina.

No dia 16 de novembro de 1904, foi decretado o estado de sítio e feita a suspensão da vacinação obrigatória. Dada a repressão sistemática e extinta a causa deflagrada, o movimento foi refluindo. Na repressão que se seguiu à revolta, as forças

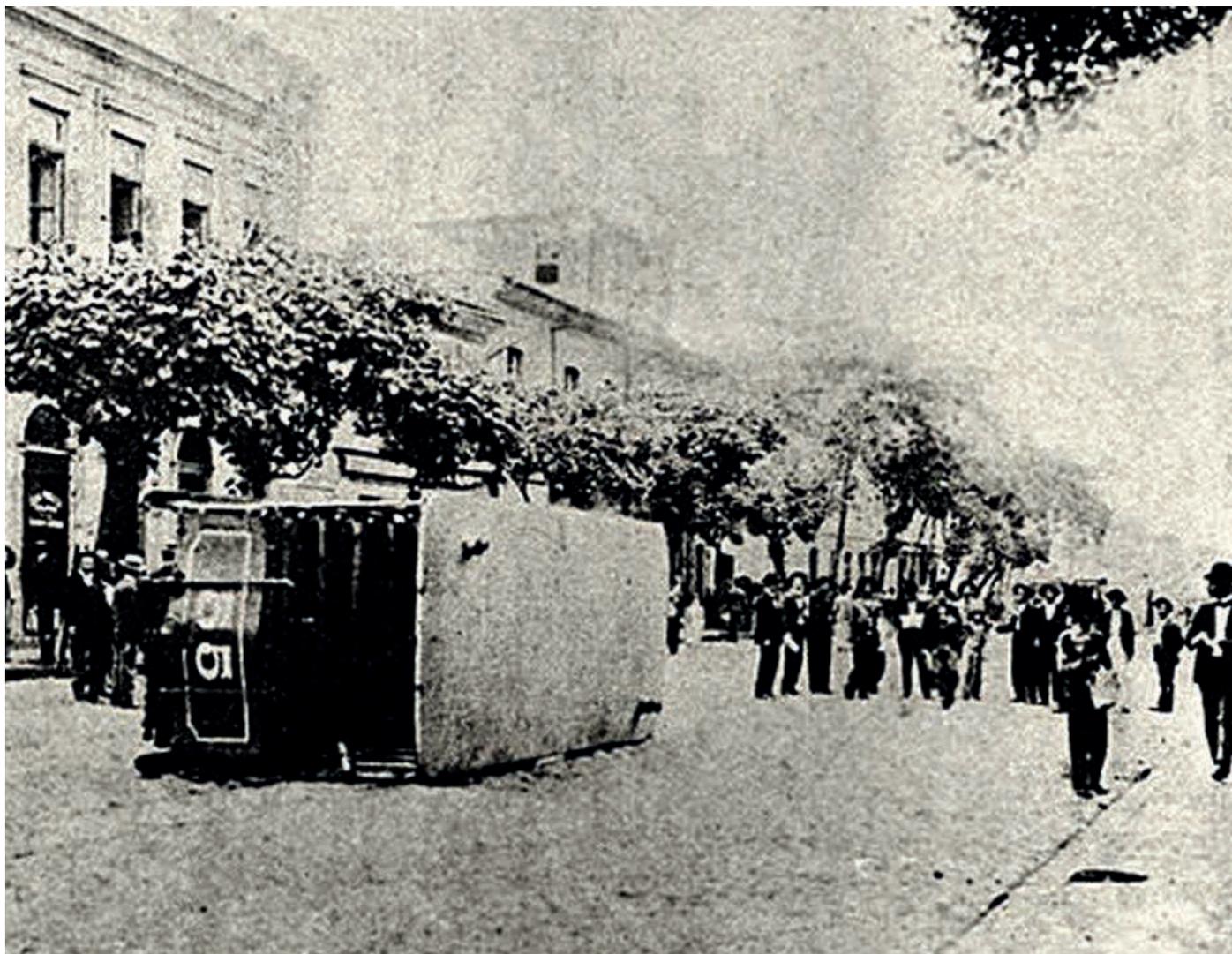


Foto: Divulgação

policiais prenderam uma série de suspeitos e indivíduos considerados desordeiros, tivessem eles relação com a revolta ou não. O saldo total foi de 945 pessoas presas na Ilha das Cobras, 30 mortos, 110 feridos e 461 deportados para o Acre, então Território Federal.

ZÉ GOTINHA

Como parte do PNI e com a intenção de tornar as campanhas de vacinação mais atraentes ao público infantil, em 1986 o Ministério da Saúde abriu concurso pra escolha de um personagem que desempenhasse esse papel. Era tempo de campanha de vacinação contra o vírus da poliomielite, e o País vivia o primeiro ano depois do fim da ditadura militar.

Assim surgiu o Zé Gotinha, criado pelo artista plástico brasileiro Darlan Rosa, um boneco com a cabeça em forma de uma gota, cujo nome também foi fruto de um concurso nacional, a partir da sugestão de um aluno de escola pública de Brasília.

Alguns anos depois, eu trabalhava no Fundo das Nações Unidas para a Infância e Adolescência (Unicef) e fui a Orlando, nos Estados Unidos, onde seria realizado um seminário mundial sobre desenho animado infantil. Da comitiva brasileira, faziam parte também os artistas Mauricio de Sousa (Turma da Mônica), Walbercy Ribas (O Grilo Falante) e Darlan Rosa, que iriam apenas participar dos debates e votar em eventuais decisões.

Logo no primeiro dia do evento, porém, ganhou certo vulto a campanha de um artista mexicano, com apoio do escritório do Unicef no México, de troca do Zé Gotinha por um personagem de autoria dele como símbolo global da imunização. Era um jacaré em postura humana, até simpático, mas longe de ter a força e significância do personagem brasileiro, que era adotado pelo Unicef. Então, nós quatro decidimos lançar campanha contra o mexicano, em favor da manutenção do Zé Gotinha. E fomos à luta.

Maurício e Walbercy desenhavam os cartazes – pois o Darlan, de tão nervoso que ficou, não dava conta de desenhar o seu boneco – e saímos colando pelos corredores e salões de estúdios da Disney, onde se realizava o encontro. Logo vimos, contudo, que a delegação mexicana fazia um trabalho político junto às comitativas, pra assegurar apoios, de modo que nós fomos forçados a também entrar em campanha.

Definimos a estratégia de buscar votos de países do Terceiro Mundo e saímos atrás das delegações africanas, asiáticas e latino-americanas. O jacaré mexicano era, pra todos os efeitos, o candidato dos europeus. Além de votos, atraímos militantes dispostos a nos ajudar nas tarefas da campanha. As eleições ganharam enorme volume e passaram a ser assunto central do evento. O resultado foi anunciado com pompa no principal auditório. Zé Gotinha ganhou e foi muito festejado.





ESTRUTURA

A vacinação é uma das estratégias de política pública mais eficazes para a prevenção de infecções e epidemias. O Brasil tem mais de 36 mil salas de vacinação espalhadas por todo o País, que aplicam, por ano, 300 milhões de imunobiológicos. Esses índices colocam o País como um dos que mais oferecem vacinas pela rede pública de saúde no mundo. E o seu processo de produção é referência internacional, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).

Além de distribuir 25 tipos de vacinas gratuitamente, o País ainda exporta doses para mais de 70 países, sobretudo africanos. No Brasil, as doses são produzidas pela Fundação Oswaldo Cruz e pelo Instituto Butantan. O País já é autossuficiente na produção de insumos imunobiológicos.

O Brasil foi pioneiro na incorporação de diversas vacinas ao calendário do Sistema Único de Saúde (SUS). É, também, um dos poucos países no mundo que ofertam à população, de maneira universal, uma extensa lista de imunobiológicos. A partir da década de 1960, foram implantadas diversas unidades de produção de vacinas e, a partir dali, o País passou a ser referência mundial neste campo.

O aparato de saúde, hoje consolidado no SUS, é modelo de organização, comparável aos melhores do mundo ocidental. Nasceu por pressão dos movimentos sociais, ao entenderem que a saúde é um direito de todos, uma vez que, antes da Constituição Federal de 1988, a saúde pública brasileira se restringia à previdência social e à filantropia.

O SUS é, enfim, uma conquista do povo brasileiro, garantida pela Constituição e regulamentada pela Lei 8.080/1990. É o único sistema de saúde pública do mundo ocidental que atende mais de 190 milhões de pessoas, sendo que 80% delas dependem exclusivamente dele para qualquer atendimento de saúde.

O sistema é financiado com os impostos do cidadão – ou seja, com recursos próprios da União, Estados

e Municípios e de outras fontes suplementares de financiamento, todos devidamente contemplados no orçamento da seguridade social. É, pois, financiado por todas as esferas da Federação, de modo que não é afetado por mudanças de governos ou de políticas específicas de momentos na vida política nacional.

Vale lembrar que o atual presidente da República, na campanha eleitoral de 2018, criticou severamente o SUS e disse que o sistema deveria ser extinto. Ele pode não concordar com a estrutura, com o conjunto de órgãos que põem a saúde pública pra funcionar, mas tampouco irá colocar tudo abaixo no grito. É algo muito forte, arraigado na população, que tem muito a melhorar, mas é parte da vida nacional.

É bem verdade, também, que a questão de vacinas pouco apareceu nos debates das eleições municipais de novembro passado, em que foram eleitos os novos prefeitos e vereadores de todos os municípios brasileiros. E o governo federal tem interferido sempre que pode no orçamento da União, retirando dinheiro de ações permanentes, como a vacinação, e colocando em atividades de mais curto alcance, mais visíveis. Isso explica, em boa parte, a redução que vem ocorrendo na cobertura do sistema de imunização, e é revelada pelo próprio governo, através do seu Ministério da Saúde.

De todo jeito, o SUS funciona de modo a que toda a população tenha acesso à assistência de saúde pública de qualidade. Um sistema que não ficasse restrito ao modelo privado ou à saúde complementar (planos de saúde), e está em constante processo de construção e fortalecimento, por meio de debates em muitas instâncias de representação popular, queiram os governantes ou não.



Jaime Sautchuk –
Jornalista. Escritor.

DE QUATI

Manoel de Barros

Aparece um quati escoteiro. Decerto perseguido de cachorro. No chão é ente insuficiente o quati. Imita ser baleado. O rabo desequilibra de tanto rente na terra.

Agora, se alcança árvore, quati arma banzé. Arreganha. Monta episódio. E até xinga cachorro.

Igual é o tamanduá. Fora do mato, no limpo, tamanduá nega encrenca. Porém se encontra zamboada, vira gente. E desafia cachorro, onça-pintada, tenente.



Manoel de Barros (Cuiabá - 19/12/1916 - Campo Grande - 13/11/2014, aos 97 anos). Poeta pantaneiro, em "Livro das Pré-Coisas", 2ª edição, Record, 1997.



EM DEFESA DE UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA A VACINAÇÃO EM DEFESA DA SOBERANIA NACIONAL

Kleyton Morais

O Brasil é um país riquíssimo, e possui tecnologias e empresas públicas importantes. Já promovemos campanhas de vacinação famosas e de muito sucesso e temos o Sistema Único de Saúde SUS, o maior sistema de saúde universal do mundo. Criamos tanto a Fiocruz como o Instituto Butantan como políticas de Estado para proteção da população ainda em 1900 e 1901. Em 1927 iniciou a vacinação contra a tuberculose no Brasil com a vacina BCG, que até hoje é das primeiras a serem ministradas nos recém nascidos. Em 1942, por meio desse instrumento, erradicamos a febre amarela urbana no Brasil. Nós temos o símbolo do Zé Gotinha, criado em 1986, uma das campanhas de maior sucesso, reconhecida mundialmente, assim como o SUS. Em 1989, tivemos o último caso de pólio no Brasil.

O movimento sanitário, dentro de nossa forte tradição em políticas sociais, sempre foi o mais forte e consolidado. Ele foi o pioneiro nas políticas de controle social e instrumental para moldar o Sistema de Seguridade Social preconizado na Constituição Federal de 1988. Sistemas de saúde incluem como são organizados, governados e financiados. Como os recursos chegam na ponta, a estrutura, o sistema epidemiológico, de prevenção e promoção da saúde. Por isso, a luta pela preservação da Soberania e do SUS é ainda mais imperativa. Temos que nos unir em força e lutar nossa perspectiva de uma iminente campanha de vacinação para todos os brasileiros e brasileiras.

O SUS tem uma estrutura ampla e importante. Inclui importantes centros de pesquisa públicos, que são também referência mundial, notadamente Fiocruz e o Instituto Butantan. Este é o principal produtor de imunobiológicos do Brasil e da América Latina, responsável por grande porcentagem da produção de soros hiperimunes e grande volume da produção nacional de antígenos vacinais, que compõem as vacinas utilizadas no PNI (Programa Nacional de Imunizações) do Ministério da Saúde. O Butantan desenvolveu uma vacina que protege contra os quatro subtipos do vírus da dengue e que é 100% brasileira. A vacina está em fase de testes em voluntários e os estudos clínicos têm mostrado excelentes resultados. A sua história começou em 1899, durante um surto de peste bubônica. Tal surto foi identificado a partir do porto de Santos, o levou a administração pública estadual a criar um laboratório de produção de soro antipestoso. Aqui, mais uma vez, vemos uma articulação federativa em favor de todos os brasileiros, contendo o surto. Todos os produtos do Butantan são destinados ao Ministério da Saúde, para disponibilização via SUS.

Nos últimos dias, tivemos a maravilhosa notícia de que a vacina cuja tecnologia foi desenvolvida pela chinesa Sinovac, mas cujos testes também foram feitos 100% que realizou testes clínicos na população brasileira, tem 78% de eficácia para prevenção em casos

leves e 100% para casos graves. Isso significa que nenhuma pessoa que foi vacinada no ensaio clínico fase 3 desenvolveu quadros graves da doença. É uma grande conquista dos pesquisadores brasileiros e um grande momento de Soberania Nacional, pois a vacinação pode começar tão logo seja aprovado pela Anvisa e o plano e a logística sejam acertados.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) também é patrimônio dos brasileiros há 120 anos e vinculada diretamente ao Ministério da Saúde. Enfocada em pesquisa, é a mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina. Nós somos o único país da América Latina com a capacidade de produzir vacinas, embora não sejamos os primeiros a ter começado a campanha de vacinação. Para além dessas duas referências públicas em saúde e vacina, há ainda 13 vacinas em desenvolvimento no Brasil, seja por universidades federais ou empresas. Todas, no entanto, ainda estão em fase de desenvolvimento pré clínica e carecem de recursos para todas as etapas de pesquisa.

Para uma Campanha de vacinação eficaz, necessitamos também estruturar a logística de distribuição. Para isso, salientamos o trabalho de outra empresa pública, os Correios. Ele garante a circulação das mercadorias e foi essencial durante toda a pandemia, para garantir a circulação de mercadorias enquanto permanecemos em isolamento social. Temos, neste momento, mais do que nunca, que exaltar o patrimônio nacional construído por meio de muita luta de trabalhadores extremamente dedicados. A Embrapa, por exemplo, é referência mundial em tecnologia alimentar e pode garantir a seguridade alimentar dos e das brasileiras mesmo em tempos excepcionais.

Neste contexto, é ilógico que o presidente pense em continuar privatizando as empresas públicas, ou as fracionando e entregando por preços irrisórios (Petrobrás, Banco do Brasil, etc). Essa estratégia é nefasta, desmonta e desvaloriza o patrimônio público, entrega nossos ativos para desfazer a nossa Soberania Nacional. A notícia de que, mesmo antes de termos uma data para o início da vacinação nacional, os laboratórios privados estejam negociando a vacina, é preocupante pois desrespeita a nossa tradição histórica. Para sair da crise econômica e sanitária que estamos, é preciso um fortalecimento do público e uma articulação entre todos os setores.

Estamos entrando no segundo ano da pandemia e ela ainda não está acabando. Devemos continuar com as medidas de isolamento social, tendo em vista a magnitude deste vírus e o tempo requerido para atingir toda a população. Os serviços essenciais, os quais os bancários e bancárias estão incluídos, devem ter uma revisão de protocolos para torná-los ainda mais seguros, considerando a necessidade de atendimento presencial. Somente com um certo grau de austeridade solidariedade e espírito coletivo poderemos vencer o vírus enquanto protegemos nossa população.

Desta maneira, temos uma posição clara: as vacinas para proteção ao SARS-COV2, que resulta no Covid-19, devem ser proporcionadas para toda a população brasileira pelo Sistema Único de Saúde (SUS), como é nossa tradição, a partir de uma política de Estado e valorizando a nossa Soberania Nacional. Quando defendemos que a política vacinal seja PÚBLICA, ou seja, proporcionada pelo melhor sistema de saúde do mundo, entendemos que sejam priorizados os grupos mais expostos e mais vulneráveis, seguindo em linha crescente para proteger toda a população brasileira. A vacinação deve ser universal, mas a logística impõe um olhar categórico e científico para a vacinação. A primeira fase deve incluir a população ribeirinha e indígena, como já previsto, uma vez que eles são povos mais isolados do que o restante da população. Na sequência devemos incluir as populações residentes em áreas mais aglomeradas e frágeis, como os residentes de favelas. Segundo a Faculdade de Medicina da UFMG, pretos e pardos têm mais chances de serem infectados e correm mais risco de hospitalização. Homens negros são os que mais morrem pelo covid-19 no país, são 250 óbitos pela doença a cada 100 mil habitantes. E cabe, por fim, destacar que não só de covid a mortandade negra é mais elevada. Também ocorre o mesmo por violência e outras infecções evitáveis, fruto de discriminação, insegurança alimentar e nossa dívida histórica com esse povo.



Kleyton Morais-
Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.





LEITURAS FUNDAMENTAIS PARA ESTES TEMPOS

São tempos difíceis de compreender, pela sua complexidade, pela superposição de vários tipos de crises. Difíceis de captar, pela sua dinâmica e sua transformação rápida.

Mas há leituras que nos ajudam a compreender menos as árvores, mas mais a densa floresta que permanece, mesmo se transformada, ao longo do tempo.

Desde as últimas décadas do século passado, as transformações históricas se aceleraram e atingiram elementos estruturais que haviam constituído a história no período anterior, aquele iniciado com o fim da Segunda Guerra.

Vai aí então uma lista de leituras que nos ajudam a compreender estes tempos:

1. *O coração do mundo – Uma nova história universal a partir da Rota da Seda: o encontro do Oriente com o Ocidente.* Peter Frankopan – Editora Crítica.
2. *Las nuevas rutas de la seda – Presente y futuro del mundo.* Peter Frankopan – Editora Crítica (Espanha).
3. *Capital e ideologia.* Thomas Piketty – Editora Intrínseca.

Emir Sader

4. *Contra-história do liberalismo.* Domenico Losurdo – Ed. Ideias e Letras
5. *O marxismo ocidental.* Domenico Losurdo – Ed. Boitempo
6. *O novo iluminismo.* Steven Pinker – Ed. Cia das Letras
7. *Yuva Noah Harari – Sapiens – Uma história da humanidade.* Ed. L&PM
8. *Sobre a guerra.* José Luis Fiori – Ed. Vozes.
9. *Contradições e o fim do capitalismo.* David Harvey – Ed. Boitempo.
10. *Civilisation – Comment nous sommes devenus américains.* Régis Debray – Ed. Gallimard.
11. *A nova razão do mundo – Ensaio sobre a sociedade neoliberal.* Pierre Dardot e Christian Laval – Ed. Boitempo.
12. *Comum – Ensaio sobre a revolução do século XXI.* Pierre Dardot e Christian Laval – Ed. Boitempo.
13. *Mainstream – A guerra global das mídias e das culturas.* Frederic Martel – Ed. Civilização Brasileira.



Emir Sader

Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



MAL-ASSADA

Rachel de Queiroz

A mal-assada é uma espécie de omelete a que se acrescenta aos ovos batidos um pouco de farinha de mandioca.

Como quase sempre tenho na geladeira uma boa porção de camarões – aqueles pequenos camarões de água-doce, muito saborosos –, costumo usá-los como recheio da mal-assada.

Numa frigideira grande, põem-se umas duas colheres de gordura e, quando estiver bem quente, despejam-se os ovos batidos, aos quais já foram misturadas duas ou três colheres de farinha de mandioca.

Põem-se, então, no meio da mistura, os camarões previamente temperados e fritos.

Quando os ovos estiverem no ponto, viram-se as duas partes laterais sobre os camarões, de modo a cobri-los completamente.

Deixa-se tostar de um lado e de outro e está pronta a mal-assada, que ficará ligeiramente crocante. Se você tiver bastante habilidade, basta dobrar a mal-assada ao meio, com cuidado, para que os camarões não saiam, apresentando-a como uma fritada comum.



Rachel de Queiroz – Escritora, em *O Não Me Deixes – Suas Histórias e Sua Cozinha*, Editora Siciliano, 2000.



TERREIROS E ANTIRRACISMO EM GUAPIMIRIM-RJ

————— Iêda Leal e Luís Cláudio de Oliveira

Em Guapimirim, RJ, cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, distante cerca de 80 km da capital e constitutiva da região da Baixada Fluminense, ocorre um episódio marcante desde o final de 2020. A consultora de qualidade, especialista em construção civil Monica Patricia

Baldino, ou a Iyalorisá Monica de Obá, 25 anos de Santo, descendente do Engenho Velho da Casa Branca, que é considerado o primeiro Terreiro do Brasil e que foi o primeiro a ser tombado como Patrimônio Cultural da Humanidade, está percorrendo instituições do Poder Público e dos



movimentos sociais, para denunciar mais uma prática de racismo religioso/intolerância religiosa que envergonha o Brasil.

Ao solicitar a inscrição da Sociedade da Mulher Guerreira (Egbe Obinrin Ijagun) no Conselho Municipal de Assistência Social da sua cidade, Iyá Monica teve negado sumariamente o seu pedido. As justificativas: trata-se de uma instituição “mais de caráter cultural e religioso do que de Assistência Social”; “a documentação da instituição Mulher Guerreira não está de acordo com o Marco Regulatório – MROSC” (conforme Ata número 10 datada de 08/12/2020, publicada em Boletim Informativo Oficial do Município de Guapimirim em 14/12/2020). Por quais razões a documentação não atende à Lei? Por que as conselheiras foram inflexíveis, não seguiram a sugestão da Presidente do Conselho para ouvirem a representante da Sociedade da Mulher Guerreira antes de decidirem pelo seu descarte? Em Ata posterior, publicada em 30 de dezembro, as conselheiras se dizem caluniadas pelas denúncias de racismo/intolerância religiosa, mas voltam a se escudar no Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – MROSC (Lei nº 13.019, de 31 de julho de 2014), insistindo, porém, em não referir no que a documentação foi sumariamente desqualificada.

Todos reconhecemos que a própria gênese da assistência social está vinculada a princípios religiosos, a uma ética fundada especialmente na solidariedade. Foi esse o espírito que consagrou os Conselhos Sociais na Constituição Cidadã de 1988. As formas de atuação dos grupos organizados para levar adiante o seu propósito de atenuar as desigualdades sociais variam conforme a experiência social, cultural e política que cada grupo traz na sua memória coletiva. O que cabe aos órgãos de poder decisório é modelar as regras básicas de atuação, observando a necessária relação dialógica com os representantes dos diferentes setores da sociedade. Assim, o indivíduo que exerce tal poder precisa estar educado politicamente e preparado psicologicamente para a grandeza da sua missão. Tomar decisões baseadas nas suas preferências ideológicas, sem ponderar o contraditório, é sempre uma ameaça aos valores da democracia.

Para além do que, a priori, parece ser tão somente um procedimento burocrático equivocado do Conselho Municipal de Assistência Social de Guapimirim, o que identificamos na atitude das conselheiras, consultando as Atas de reuniões,

é mais uma ação sutil do racismo. Temos dito que situações como essas precisam ser objeto do debate nacional sobre o enfrentamento ao racismo estrutural. Enfrentamento, sempre importante reafirmar, que começa pela desnaturalização da visão da branquitude, que em geral bloqueia a autocritica do branco, não lhe permitindo analisar o seu papel na propagação da montagem ideológica do racismo.

No caso aqui trazido, procuramos mobilizar as forças políticas democráticas em apoio à luta que Iyá Monica trava neste momento em sua cidade, porque, no fundo, o que se tem é a tentativa de silenciar uma mulher que se sabe preta e portadora de direitos de cidadania. Esse é um enfrentamento histórico em uma cidade onde as autoridades públicas têm contribuído pouco, ou nada, para a visibilidade da presença de inúmeras comunidades tradicionais de terreiros, exceto quando o intuito é disciplinar a colocação de oferendas em cachoeiras. Um dos autores deste artigo, morador desde 2003, ex-secretário de cultura do município, observador-participante da vida social local, sustenta que desde a emancipação de Guapimirim jamais se reconheceu nos eventos do calendário oficial da cidade a existência de sacerdotes e sacerdotisas fora do escopo do cristianismo.

Certamente, a judicialização que a Iyalorisá Monica de Obá está protagonizando pode significar um acontecimento inovador para aquela e para tantas outras cidades pelo Brasil afora cujas relações institucionais ainda são confundidas com relações de subserviência.

Guapimirim está inaugurando um novo governo, sob o comando, pela primeira vez, de uma mulher, jovem que aos 32 anos já acumula as experiências de vereadora e deputada estadual, e prima a sua oratória pelo respeito e o cuidado com as pessoas. Em seu discurso de posse, no momento dos agradecimentos, Marina Pereira da Rocha Fernandez fez questão de sublinhar “a presença de todos os líderes religiosos”, o que interpretamos como bom sinal de percepção da importância a dar à riqueza da pluralidade.



Iêda Leal – Coordenadora Nacional do MNU, Ativista Sindical SINTEGO/CNTE/CUT.



Luis Cláudio de Oliveira – Ativista do movimento negro. Doutor em Memória Social. Professor adjunto do Departamento de Formação de Professores da UERJ – FEBF.



PI A D

Existe ou existia entre os índios Kamayurá um ritual que consistia em confeccionar figuras zoomorfas, em cerâmica, e atirá-las ao fundo da Lagoa Miararré, no Alto Xingu.

Esse costume era seguido por um mito, o qual narrava que, lá no fundo da lagoa, as figuras formavam certas combinações que poderiam trazer a felicidade ou a desgraça. Uma vez por ano, os Kamayurá mergulhavam até o fundo da lagoa, para verificar se as combinações estavam

corretas. E assim eles fizeram, durante décadas em que foram observados pelos etnólogos modernos.

Porém, com o passar dos tempos, que anda sempre mexendo com as coisas, modificando locais e roubando memórias, os sedimentos argilosos, juntamente com processos de assoreamentos que aconteceram ao redor da lagoa, acabaram por enterrar aquelas figuras. Pior ainda, outras ondas culturais exóticas fizeram com que os Kamayurá mais jovens não mais se lembrassem

ERDEMOS COMBINAÇÃO A SENHA

Altair Sales Barbosa

das combinações, e aos poucos a felicidade e a tranquilidade daquele grupo foram substituídas pela luta aguerrida pela sobrevivência.

Este pequeno relato Kamayurá nos remete a refletir ou revisar, mesmo que brevemente, os caminhos que levaram a humanidade a eleger a desnaturização como ideologia e comportamento de vida, fenômeno pelo qual o ser humano se julga não fazer parte de mundo natural, afastando-se dele e atribuindo a si próprio um poder divino

sobre os outros elementos do meio ambiente, o que, conseqüentemente, vem desencadeando os desequilíbrios contemporâneos.

Desde que surgiram na África, após uma série de processos evolutivos e adaptativos coroados de êxito, estes primeiros humanos conhecidos como Homo-habilis, começaram a desenvolver comportamentos egoístas e extremamente possessivos, que levaram à extinção várias espécies de animais, incluindo alguns dos nossos primos. Também fizeram guerras entre si e, possivelmente, levaram à extinção alguns grupos dissidentes.

À medida que as técnicas foram se desenvolvendo, tornando-se mais eficientes para seus propósitos, o gênero Homo se tornou uma espécie cosmopolita e, por onde passava, deixava marcas de destruição e extinção de espécies. Eles eram ainda caçadores-coletores.

Depois desse tempo, várias noites, vários dias e várias estações se passaram e após longos processos de aprendizagem e de adaptação uma revolução no modo de ser de alguns humanos começa a se desenhar, numa nova forma mais complexa de vida. Eles aprendem a domesticar as plantas e os animais. Esse fator os transforma de nômades em sedentários e os obriga a construir moradias fixas para protegerem suas hortas e criações, tanto dos predadores humanos, como de outros animais.

Essa nova organização social, chamada inicialmente de aldeias, traz no seu bojo uma série de problemas, que vão desde aqueles ligados aos relacionamentos sociais, até problemas de saúde, partilha dos bens etc. que eram resolvidos quase sempre, com a cisão dos grupos.

De maneira geral, parece que a abundância superou as vicissitudes e logo essas aldeias se transformam em cidades que imediatamente vão se constituindo em impérios. Para a construção dos impérios, os humanos que os conceberam, embora esse processo seja fruto de exigências sociais e políticas, quase que imperceptíveis, num primeiro momento, engendram mecanismos de dominação política.

Num segundo momento, começam a proporcionar as primeiras grandes modificações nas paisagens, exploram pedreiras constroem castelos, templos, campos de jogos, recreação e competições, constroem aquedutos, sistemas rudimentares de esgotos destroem plantações nativas para implantar grandes campos de cultivo e assim segue sua marcha.

Entretanto, é bom salientar, nada disso seria possível sem a criação de uma sociedade estratificada socialmente e obediente às divindades e crenças impostas de forma cruel e sanguinária. Dessa forma, foram construídos os grandes impérios, ilustrados por alguns dos quais assim denominados: Império Hebraico, Império

Faraônico, Império Grego, Império Romano, Império Otomano, Império Asteca, Império Inca etc. Assim como os novos impérios, que surgiram depois da época das grandes navegações.

Uma dinastia, ligada diretamente a uma divindade, se organizava em torno dela, um grupo de obedientes ordenadores, que por sua vez organizavam grupos de guerreiros, exércitos, que davam ordens, ou escravizavam hordas estranhas ao seu bando para fazerem os trabalhos pesados.

Com o incremento desse modelo deu-se ao luxo de escravizar continentes quase que por inteiro, porque os povos que possuíam costumes estranhos, que andavam nus ou que fisicamente eram diferentes, não eram considerados seres humanos, precisavam ter um Deus e precisavam também pensar como aqueles que lograram mais poderio bélico. Sociologicamente surge a ideologia dos incluídos e excluídos, que permite aos humanos escravizarem outros humanos e os venderem e trocarem como mercadorias.

O modelo de universidade, casa da sabedoria, imposto no mundo ocidental, contribuiu largamente para o embasamento científico da desnaturização do homem, uma vez que separou os saberes em ciências humanas e ciências naturais, modelo cujos frutos colhemos até os dias atuais.

Porém, é bom também salientar que as intervenções humanas, que começaram a permear a ciência, vêm desde a revolução neolítica, com o cruzamento entre espécies de uma mesma característica física, para adquirir certa homogeneidade de raças.

Isso aconteceu com os galináceos e com os cães, seguida pela castração de touros, para impedi-los de deixar descendentes e torná-los mais mansos para o trabalho pesado. A castração dos seres humanos criando a classe dos eunucos, para cuidarem dos haréns, é só a ponta do iceberg de uma grande revolução que estamos começando a vivenciar: a engenharia genética e a inteligência artificial.

Há bem pouco tempo poderia descrever a humanidade atual como o resultado de dois processos evolutivos que se sobrepuseram ao longo do tempo: a evolução biológica, que compartilha com os demais seres vivos e que fundamentalmente consiste na transferência de adaptações biológicas que facilitam a sobrevivência e a seleção das espécies, e a evolução cultural, resultado dos avanços tecnológicos logrados pela espécie humana em sua evolução biológica.

A evolução cultural tem significado, por um lado, a organização do ser humano em grupos sociais que têm gerado problemas demográficos, problemas de saúde, problemas de educação, problemas institucionais etc.

Por outro lado, a evolução cultural agregou ao fluxo básico de energia e de informação e de circulação de matéria o fluxo do dinheiro, como resultado dos intercâmbios e das transações, gerando assim uma série de variáveis econômicas relacionadas com produção, capital, trabalho, comércio, indústria, consumo, níveis de preços, planificação de inversões, maximização de ganho, transferências de tecnologias etc.

A aplicação das diversas tecnologias sobre as biogeoestruturas naturais originou diversas manufaturas (e não só elas) como: artesanato, instrumentos, maquinários etc., como também deu origem a uma grande quantidade de ecossistemas artificiais, cidades, metrópoles, megalópoles, campos de cultivos, áreas de pastoreio, pastagens artificiais, represas, canais de regadio, rodovias, vias férreas, aeroportos, grandes usinas, complexos atômicos etc.

Por último, a evolução cultural tem originado uma série de estruturas culturais ou ideo-facturas: ideias filosóficas, crenças, conhecimentos, valores, normas etc.

Se tudo isso, aliado aos avanços eletrônicos, já nos causa surpresas, às vezes desagradáveis e espantosas, devemos nos preparar muito mais para o que nos aguardam os resultados da engenharia genética, as possibilidades incertas da inteligência artificial, a vida biônica e até com a possibilidade de outras vidas. Somos mais poderosos do que nunca.

As bombas-relógio, que foram plantadas ao longo do tempo histórico, muitas das quais explodiram, porque quem as plantou, esqueceu as combinações da senha. Este fato tem gerado vários desequilíbrios ao meio ambiente, em diversos níveis de escala, cujos frutos já colhemos e estamos colhendo, com as incertezas do futuro, não para o planeta, pois este não depende do homem, mas para o futuro dos próprios humanos.

Não é preciso ter cérebro brilhante nem ser um gênio da futurologia para sabermos que, de uma forma ou de outra, a bomba Z já foi plantada. Também não é necessário ser genial para perceber que vivemos num planeta inteligente, cuja capacidade foi adquirida ao longo de bilhões de anos de experimentação e evolução, por isso cobra caro pelos desequilíbrios provocados pelas intervenções mal planejadas nos elementos que compõem o meio ambiente.

Assim, esperamos que a humanidade esteja bem preparada, para evitar o que aconteceu com os Kamayurá, que esqueceram a combinação das figurinhas atiradas ao fundo da lagoa Miararré.



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador convidado da Uni Evangélica - Anápolis. Membro do Instituto Cultural e Educativo Bernardo Elis.

A CALIANDRA

Luiz Martins da Silva

CERRADO



I

Manhosa, não é rosa,
Pois, não cede, não serve
A banquete, ramallete,
Replantes, enxertos...

II

Não às intenções mais belas,
As sinceras e as malévolas,
Mas, nem por isso deixa disso,
Essa, de ser flor-perífrase.

III

"Da próxima vez,
Que for a Brasília...!"
Ora, leva-se em pensamento,
De coração, gosta é do chão.

IV

Por mim, savana, planalto...
Fica a ode num contralto:
Caliandra, A flor do Cerrado,
Espontânea, centro do mundo.

V

Tudo o que pede é florir,
Mas, para a beleza parir,
Precisa deixar-se em paz,
Sobrevive sem artificios.

VI

Terra, terreno, terreiro...
Bem-vindos os pioneiros,
Mas, em juras de áreas verdes,
Seu quinhão no árido torrão.

VII

Se nem as lambidas do fogo
Podem, por fim, dizimá-la,
Não a arranque, proteja-a,
Se a queres, mesmo, admirada.

VIII

Refloresta-la, impossível.
Conversa não palatável.
Surpresa, na caminhada,
Isto sim, que agradável!

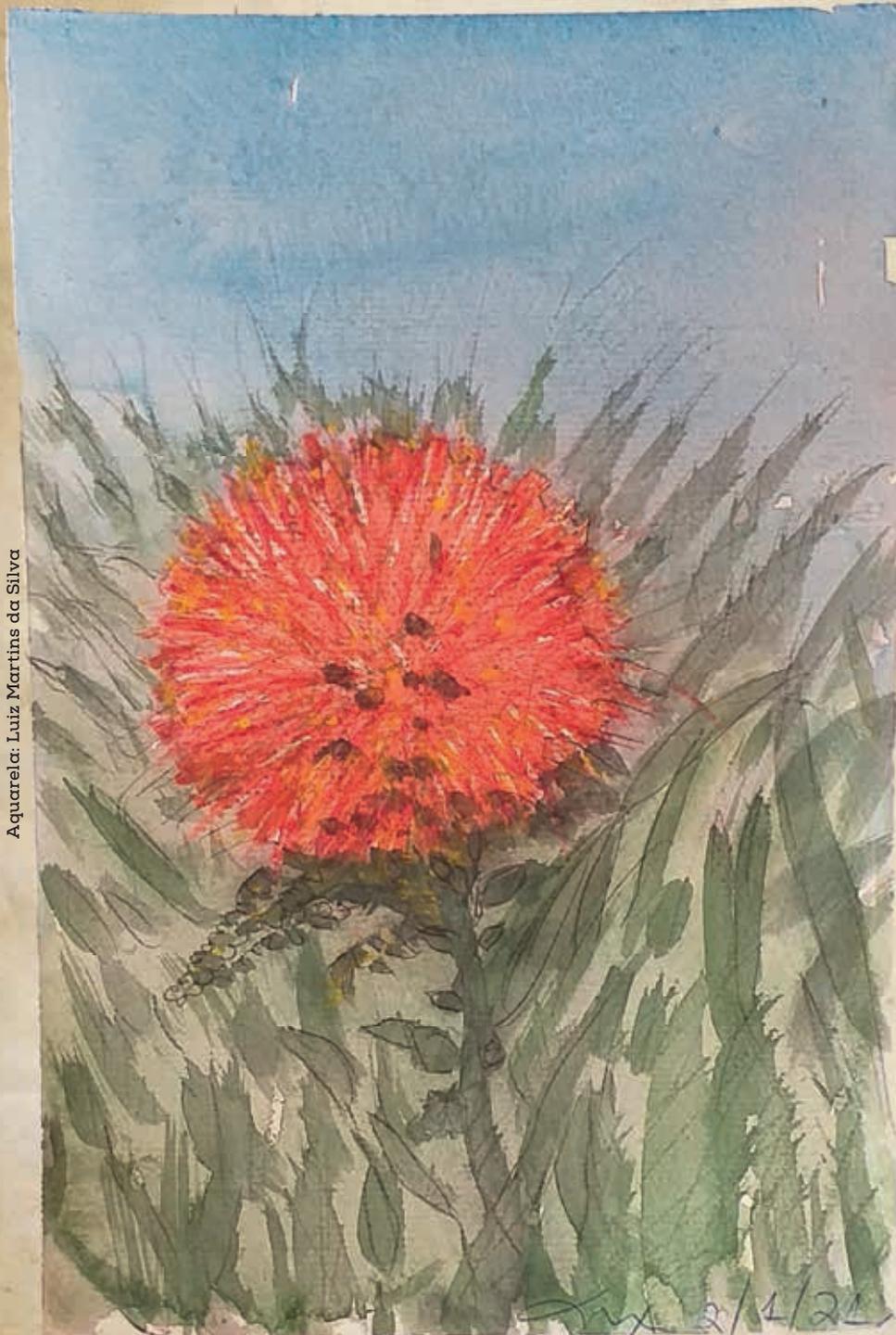
IX

À espera, sim, de estampas.
Fica bem em camisetas,
Selos, postais e filipetas
Marcadores, páginas felizes.

X

Prometa aos nossos filhos:
De tudo irá defendê-la.
São muitas as ameaças,
Mas, não podemos perdê-la.

Aquarela: Luiz Martins da Silva



Luiz Martins da Silva -
Jornalista, Professor, Poeta e Escritor.
Poema publicado originalmente por
www.chicosantanna.wordpress.com,
com ilustração do Chico Sant'Anna.

REVISTA XAPURI



**UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA.
UM COMPROMISSO COM A SOLIDARIEDADE.**



10% de cada compra sua fortalecem a luta do Comitê Chico Mendes, no Acre; do Povo Krenak, em Minas Gerais; do Museu Kalunga Iaiá Procópio, em Goiás; e do Povo Xavante, em Mato Grosso.

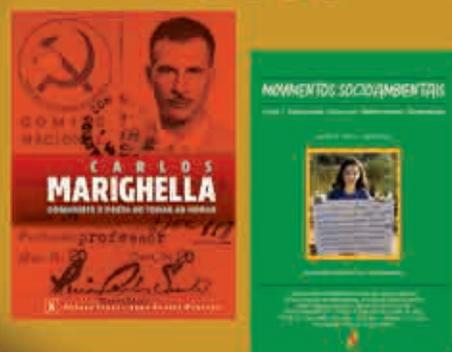
Máscaras



E-books



Livros



Camisetas



<https://lojaxapuri.info/>



Foto: Ricardo Chaves/Agência Estado

LUZIA O AMIGO DO ACRE



Ainda como líder metalúrgico na região do ABC paulista, em fins dos anos 1970, Luís Inácio Lula da Silva começou sua amizade com o Acre. De lá para cá, nunca deixou de participar dos acontecimentos sindicais e políticos que marcaram mudanças fundamentais na vida dos acreanos.

Em julho de 1980, participou em Brasília, na fronteira com a Bolívia, de um ato de protesto pelo assassinato do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Wilson Pinheiro, de tocaia, dia 21, a mando de fazendeiros. Ao discursar de um palanque improvisado na carroceria de um caminhão, Lula declarou: "Está na hora da onça beber água!"

O recado foi entendido pelos companheiros de Wilson que, ao retornarem para suas colocações de seringa, toparam no caminho com o capataz da Fazenda Nova Promissão, Nilo Sérgio, principal suspeito do crime, e meteram bala nele. O caldo engrossou e mais de 40 seringueiros foram presos pela Polícia Militar, enquanto Lula e outras lideranças como Chico Mendes e o delegado regional da Contag, João Maia, foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional do regime militar.

No dia 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes foi morto em condições semelhantes pelo peão Darcy Alves, a mando do pai fazendeiro Darli. Desta vez, Lula, na condição de deputado federal (PT), fez longo e polêmico discurso dentro da Igreja de Xapuri, ao lado do caixão do líder seringueiro durante o velório.

Como diretor da precária TV Aldeia (TV Educativa) na época, encaminhei a gravação em fita Umatic. Nas eleições de 1990 para o governo do Estado, o candidato Edmundo Pinto, do PDS (partido antecessor do DEM, hoje parceiro do candidato José Serra), ganhou do estreante Jorge Viana (PT) no segundo turno.

Preocupado com o destino que seria dado à fita na nova administração, favorável aos fazendeiros, tomei o cuidado de fazer cópia e levar comigo para o Amapá, onde vivi 13 anos, como assessor do governador João Alberto Capiberibe (1995–2002) e editor do jornal Folha do Amapá.

De volta ao Acre, em 2003, consegui fazer uma cópia digital dessa e de outras 33 fitas que passei para o acervo da Biblioteca da Floresta em 2008.

Agora, 22 anos depois, estou tornando público o conteúdo dessa fala histórica que marca a relação também histórica de Lula com o Acre, desde aqueles tempos tristes.

DISCURSO NO VELÓRIO (1988):

O Chico termina numa entrevista que ele deu ao jornal do Brasil dizendo o seguinte: "Eu quero ficar vivo para ajudar a salvar a Amazônia, eu não quero morrer, porque esse negócio de ato público depois da morte, esse negócio de grandes enterros acaba no dia seguinte". Esse era o pensamento do velho Chico, há tempo, pois ele participou junto comigo do ato de solidariedade ao companheiro Wilson Pinheiro, morto em Brasília dentro do sindicato em 21 de julho de 1980, e falou isso (...).

Chico conseguiu juntar a bandeira do direito ao trabalho, do direito à vida dos trabalhadores desse Estado e dessa região com uma luta pela defesa do meio ambiente. Por quê? Porque preservar o meio ambiente para os trabalhadores que moram na região amazônica, preservar as árvores, preservar as castanheiras, preservar as seringueiras é, na verdade, preservar o

direito do feijão e do arroz de cada criança dessa região.

Porque o gado traz riqueza pro dono do gado, mas não traz sequer carne para os companheiros que trabalham aqui. E o que o companheiro Chico queria? Ele queria pura e simplesmente que deixassem a mata, que era instrumento de sobrevivência de milhares e milhares de trabalhadores, em paz; que fossem plantar gado noutra lugar, criar gado noutra lugar, mas deixassem aqui a mata, as seringueiras, as castanheiras, pros trabalhadores sobreviverem.

Na TV Globo o doutor Romeu Thuma, a quem o Chico enviou várias cartas, dizia o quê? Que a culpa do que está acontecendo aqui é da Polícia Militar... Mas nós precisamos dizer que a culpa não é apenas da polícia militar, a culpa é de todos eles juntos: é da polícia federal, é da polícia militar, da justiça brasileira, da Presidência da República (José Sarney – PMDB), porque, quando eles inventam que vêm aqui desarmar o povo, quem que eles desarmam? Eles pegam a espingardinha de caçar preá do trabalhador e deixam os fazendeiros com metralhadoras, calibre 12.

O companheiro Chico não ganhou as eleições (Chico foi candidato a deputado estadual em 1982 e a prefeito de Xapuri em 1985), e alguns imaginavam que a partir daí fosse desanimar. Qual não foi a surpresa dele: ao invés de desanimar, a luta do companheiro Chico ganhou outra dimensão; ele começou a ser reconhecido por organismos internacionais, pelo Banco Mundial, pelo BID, pelo movimento ecológico do mundo inteiro; começou a ser reconhecido, a ganhar prêmio, a viajar e a contar no mundo o que acontecia aqui; e começou inclusive a dar palpite, opinião sobre empréstimos que empresas estrangeiras ou bancos estatais iam fazer aqui, e por isso aumentou o ódio dos grandes proprietários contra o companheiro Chico. Aumentou o ódio a ponto de culminar com a morte dele no dia 22.

O quê que essas pessoas imaginam? Será que essas pessoas são tão burras que imaginam que, matando Chico Mendes, mataram a luta do Chico Mendes? Será que eles não percebem (aplausos), será que esses ricos não têm exemplo na história, será que eles não percebem que esses mesmos grupos de ricos mandaram matar Jesus Cristo há dois mil anos atrás? E o povo não esqueceu as ideias de Jesus Cristo. Será que esses mesmos não estão lembrados que foram eles que mandaram matar Tiradentes, esquartejar e colocar sua carne pendurada nos postes, para que o povo nunca mais se lembrasse quem era Tiradentes? 30 anos depois, o Brasil conquistou sua independência.

Eu queria dizer pra vocês uma coisa bem simples, pra cada um de vocês guardar na cabeça. Vocês conheciam bem o caboclo Chico, vocês sabiam bem o que Chico queria, vocês sabiam o que Chico dizia, vocês sabiam o que o Chico pensava. Pois bem, o que o companheiro Chico, que deve estar no céu nesse instante, espera de cada um? Ele espera que aumente a coragem e a disposição de luta de cada companheiro. Ele dizia sempre: no dia em que eu morrer meus companheiros vão se dobrar, cada um vai valer por 10 e a luta vai continuar.

E é isso que tem que acontecer (aplausos). Porque se agora houver, por parte dos trabalhadores e de todos nós, medo e preocupação, o quê que vai acontecer? Eles vão ficar rindo da vida e vão matar mais. O quê que nós deveremos esperar? Em primeiro lugar, nós achamos que o povo brasileiro quer justiça, e que a polícia prenda esses assassinos do companheiro Chico.



Se é verdade que esses dois sujeitos (Darli e Alvarino Alves) tinham 30 mil hectares aqui; se é verdade que eles eram bandidos em Minas e no Paraná e já vieram fugidos; se é verdade que aqui eles ficaram contratando grileiros e já mataram mais de um trabalhador, e se é verdade que essa propriedade deles pode até ser grilada...

O quê que deveria acontecer como atitude nobre do governo? O governo deveria desapropriar essa terra e dar para os trabalhadores rurais cultivarem, ao invés de deixá-las ficar nas mãos de bandidos e grileiros; porque, se o governo fizesse isso e cada fazendeiro que manda matar alguém perdesse sua terra, na verdade essas pessoas iriam ter medo de continuar matando trabalhador rural (...).

Nós precisamos dizer em alto e bom som: o governo precisa começar a investigar cada crime colocando policiais sérios pra fazer isso, porque nós sabemos que tem muitos policiais que são capachos de fazendeiros (aplausos) na cidade. É preciso que haja seriedade e vocês sabem, companheiros, pra terminar, que cada um de nós, tanto nós de São Paulo, como companheiros do Acre, de Rondônia, que chegaram aqui agora, sabemos que temos um compromisso sério: é não deixar a coisa agora esfriar, é não deixar, sabe, o que eles querem, que o povo esqueça o companheiro Chico Mendes.

Agora é que nós temos que mostrar pra eles que nós vamos fazer a luta do companheiro Chico Mendes ser conhecida nesse país. Agora que vamos arrumar solidariedade, não apenas pra dar sobrevivência para a companheira do Chico e de seus filhos, mas arrumar solidariedade pra dar ajuda concreta à luta dos trabalhadores que defendem a Amazônia, à luta dos trabalhadores que defendem o seringal, à luta dos trabalhadores que defendem a

manutenção das castanheiras e à luta dos trabalhadores que brigam por reforma agrária.

A classe dominante tá ficando com medo, porque ela sabe que a classe trabalhadora tá amadurecendo; ela sabe que a classe trabalhadora tá tomando consciência, ela sabe que aqui hoje tá PV, PT, daqui a pouco chegam companheiros do PMDB, daqui a pouco chegam do PDT, sei lá, o movimento sindical... Ela sabe que tá crescendo a solidariedade e começa a ficar com medo.

Eu acho que é um compromisso dos partidos políticos progressistas, do movimento sindical, da CUT, da CGT, que a gente precisa transformar cada palavra do Chico numa profissão de fé por esse país aí afora. Daqui a pouco eles vão perceber que o que Chico falava aqui e era ouvido apenas pelos companheiros do sindicato dele vai ser discutido lá no agreste de Pernambuco, lá na Bahia, na favela de São Paulo (...).

Nós deveremos eleger o Chico, hoje, o símbolo da descrença desse governo, deveremos eleger o companheiro Chico hoje como o mártir da classe trabalhadora camponesa desse país, porque o que ele fez foi dedicar 44 anos da sua vida à luta pela liberdade dos trabalhadores.

A morte do Chico não foi o fim, ela foi o início da libertação da classe trabalhadora brasileira.



Elson Martins - Jornalista. Este registro antológico da amizade do presidente Lula com o Acre e, em especial, a transcrição do discurso de Lula no velório de Chico Mendes, foi publicado por Elson Martins no jornal Página 20, em 17 de outubro de 2010.



Amores-sementes

Rejane Araújo

O ronronado da linha na máquina de costura. Sinfonia de fios e carretéis. A memória do algodão. O tecido das lembranças a carecer lágrimas. Mantas rústicas com línguas ásperas roçam a pele. Tocam nevralgias e saudades. Escarafuncham feridas e ausências.

A roda a fiar a sorte.

Amores-sementes dormem no leito macio da terra úmida.

Amores-sementes esperam tempos propícios pra germinar.

Amores-sementes querem virar flores de algodão.

No tear das ilusões, o algodão trama tecidos que agasalham e abraçam madrugadas plenas de esperanças.



Rejane Araújo - Arte-Educadora e Arteterapeuta Junguiana, paraibana de Lagoa de Cozinha, descobriu no Cerrado uma beleza rústica e apaixonante. Escreve como forma de falar da multiplicidade da vida e de expressar as vozes que habitam o mais profundo do seu ser.



O TEMPO PASSOU, A PANDEMIA NÃO.

CONTINUE SE PROTEGENDO CONTRA A COVID-19.

O coronavírus continua fazendo vítimas no mundo todo e em nossa cidade também. Não é hora de deixar de lado os hábitos de proteção. Proteja sua vida, da sua família e de todos os formosenses seguindo as medidas de saúde.

-  Evite aglomerações.
-  Use máscara o tempo todo.
-  Mantenha distância de 2 m.
-  Faça a higiene das mãos.
-  Se for possível, fique em casa.

formosa.go.gov.br/coronavirus



PREFEITURA
FORMOSA



FORD 1920, MODELO T: O PRIMEIRO CARRO A CHEGAR EM FORMOSA

Alfredo A. Saad

Foi um automóvel idêntico a esse que a sociedade formada por Pedro Chaves, Olympio de Mello Álvares, Olympio Jacyntho e Veridiano de Campos adquiriu em São Paulo "para ser utilizado em passeios à Lagoa Feia".

O carro, o primeiro a chegar a Formosa, viajou em trem de ferro até Ipameri, então, o ponto final da linha da Estrada de Ferro Goiás. Depois, dirigido pelo *chauffeur*, sr. Adolph Hertz, percorreu o trajeto Ipameri-Formosa, seguindo pela antiga estrada de carros de bois.

Essa estrada passava pelo divisor de águas do rio São Bartolomeu até Santa Luzia e daí, cortando os rios Bananal e Torto, alcançava Formosa, via Planaltina.

Dá a pouco tempo, apenas um ano depois, esse último trecho converteu-se na estrada de rodagem Formosa-Santa Luzia, após os trabalhos de nivelamento, construção de mata-burros e adaptação realizados.

Além do motorista, chegaram em Formosa, no dia 23 de julho de 1920, viajando no primeiro automóvel, o coronel Evangelino Meirelles (deputado estadual) e o Dr. José Lourenço, advogado morador em Santa Luzia.



Alfredo A. Saad - Professor e Pesquisador, falecido em 2011, em "Álbum de Formosa - um ensaio de história de mentalidades", originais encontrados entre seus papéis e publicado pela família em 2013. .



**O bom
do BB é**

construir um Brasil melhor para você.

**Os bancos públicos são propriedade
do povo brasileiro. Defendê-los é tarefa
de toda a sociedade.**



É PRECISO DEFENDER OS BANCOS PÚBLICOS, PATRIMÔNIO DO POVO BRASILEIRO

O governo Bolsonaro deu mais um passo rumo ao desmonte dos bancos públicos, para atender aos interesses do mercado financeiro. Abriu 2021 anunciando mais um plano de reestruturação do Banco do Brasil, que inclui demissão de 5 mil funcionários e fechamento de 112 agências, 242 postos de atendimento e sete escritórios, num total de 361 unidades em todo o país.

“Na maior crise sanitária que o mundo vive em um século, com profundos impactos na economia, nunca o Brasil precisou tanto de seus bancos públicos para financiar as atividades produtivas, gerar emprego e renda e alavancar o desenvolvimento econômico e social do país. Em vez disso, o governo Bolsonaro age para destruir as instituições financeiras, a exemplo do que está fazendo com as políticas públicas, sociais e ambientais”, denuncia Cleiton dos Santos, presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN).

Os bancários estão se mobilizando em todo o país para defender os bancos públicos. E buscando apoio da sociedade, porque esse é um tema que interessa a todo o país. Porque eles

fazem o que os bancos privados não fazem, que emprestam no curto prazo a juros e tarifas escandalosos e estimulam a especulação financeira.

Ao contrário, só instituições públicas como Banco do Brasil, Caixa, BNDES, Banco da Amazônia e Banco do Nordeste financiam atividades essenciais como agropecuária, a construção civil e a construção da casa própria, obras de saneamento, geração de energia, construção de estradas, portos, ferrovias, aeroportos, linhas de metrô, corredores de ônibus e micro e pequenas empresas, empreendimentos de longo prazo de maturação e em projetos socioambientais.

Somente os bancos públicos concedem empréstimos de longo prazo e atuam de maneira anticíclica, irrigando a economia em períodos de recessão e crise. Foi assim que o Brasil saiu da crise econômica de 2008. E, além disso, viabilizam o pagamento de programas sociais e a bancarização das camadas de baixa renda da população.

Os bancos públicos são propriedade do povo brasileiro. Defendê-los é tarefa de toda a sociedade.



COMO PREVENIR UMA PICADA DE COBRA

Normalmente, as cobras só atacam um ser humano quando se sentem ameaçadas. Por isso, ao avistar uma cobra, não pense duas vezes, desvie, deixando que siga o caminho dela e você o seu. Além disso, vale também seguir as dicas abaixo:

- ✓ Use sempre equipamento de segurança individual (EPI), como bota de cano longo, luvas de punho alongado e óculos de proteção.
- ✓ Use sempre um bastão ou vara longa para manipular objetos, mato ou lixo, que possam conter algo escondido por baixo, de modo a manter-se distante em caso de um ataque de cobras.
- ✓ Mantenha seu quintal limpo e não acumule lixo ou restos de materiais de construção ou de quaisquer outros tipos.

✓ Não estacione veículo próximo a mato, lagoa, lugar escuro ou úmido.

✓ Use sempre calçado fechado e calças compridas. Se estiver em um local que é conhecido por ter cobras, use botas de cano alto ou perneiras para proteger a parte de baixo das pernas;

✓ Preste muita atenção onde coloca as mãos quando for se apoiar para pegar impulso ou até mesmo na hora do descanso.

✓ Nunca tente capturar a cobra. Em época digital, sugerimos filmar o animal, dando um zoom, aproximando ao máximo, principalmente da cabeça da cobra, para que se possa identificá-la, em caso de picada.



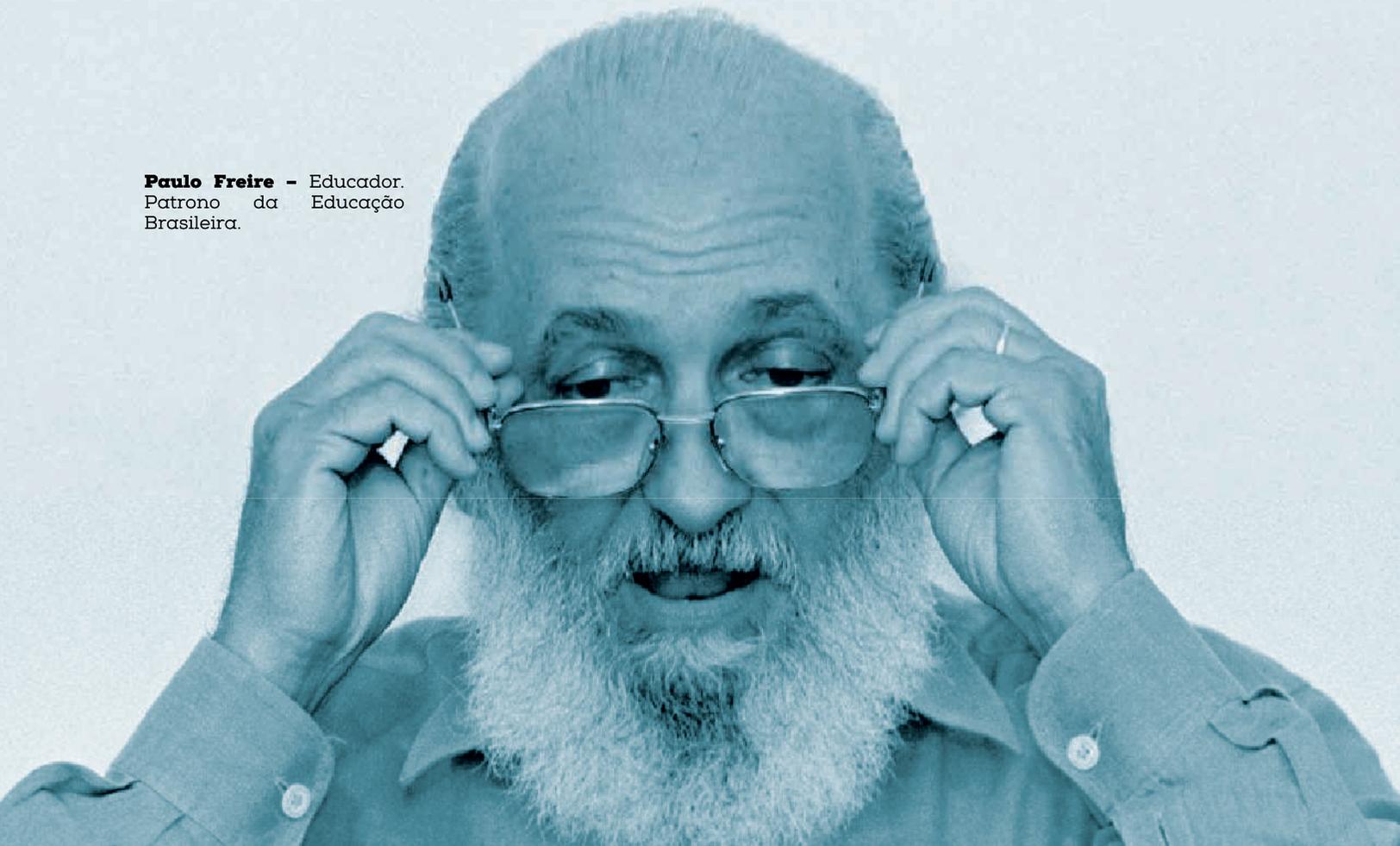
ESPERANÇA

Paulo Freire

É preciso ter esperança,
mas ter esperança do verbo esperançar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança,
é espera.

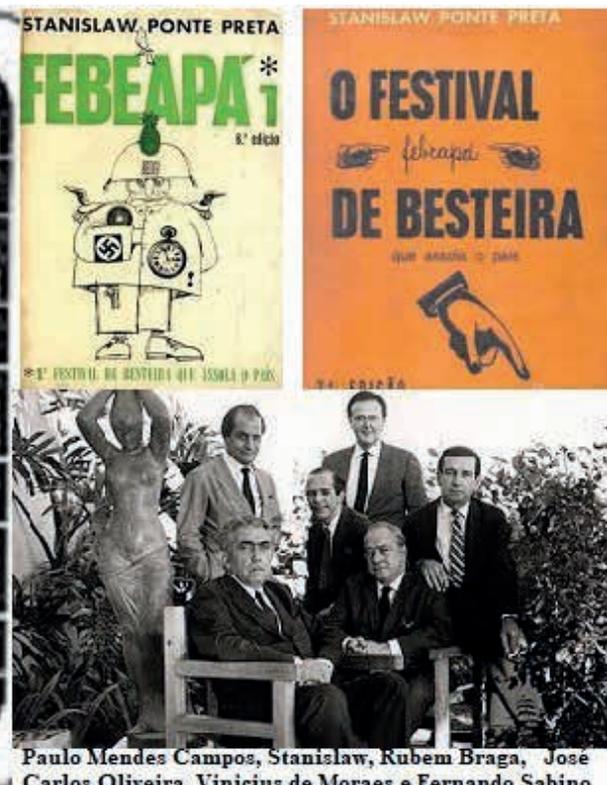
Esperançar é se levantar,
esperançar é ir atrás,
esperançar é construir,
esperançar é não desistir!
Esperançar é levar adiante,
esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Paulo Freire - Educador.
Patrono da Educação
Brasileira.



VACUNACIÓN PARA USTED, GENERAL PAZUELLO

————— José Ribamar Bessa Freire



Paulo Mendes Campos, Stanislaw, Rubem Braga, José Carlos Oliveira, Vinicius de Moraes e Fernando Sabino

O ministro da Saúde do Brasil, general Eduardo Pazuello, na quinta-feira, 3 de dezembro, participou da reunião dos titulares da Saúde do Mercosul, todos falantes de espanhol. Apesar de não entender chongas de medicina, prestava muita atenção e exibía expressão sagaz de quem estava sacando tudo o que os seus colegas *hablaban* sobre *el combate al coronavirus*. Ele tem uma cara inteligente, não tem não? Logo a seguir, falou tanto quiquiriqui sobre a vacina, que trouxe à tona a história vivida por Stanislaw Ponte Preta, humorista responsável por nos alegrar nos anos 1960 com sua coluna no jornal *Última Hora*.

Aconteceu dentro de um avião da Varig lotado com jornalistas brasileiros que iam cobrir a Copa do Mundo de 1962 em Santiago do Chile. O cronista Paulo Mendes Campos, sentado a seu lado, conta que, na escala em Buenos Aires, um argentino careca, de barba ruiva, vestido de branco com estetoscópio no pescoço que não deixava dúvidas sobre sua condição de médico da saúde pública, entrou na aeronave pedindo a cada passageiro o atestado de vacina. Quando chegou a vez de Stanislaw, o médico estendeu a mão cobrando:

– *Vacunación, señor!*

Como se estivesse recebendo um cumprimento de boas-vindas, Stanislaw apertou a mão do médico, balançou-a várias vezes e respondeu efusivamente:

- *Vacunación para usted también.*

Era brincadeira inocente. Mas Stanislaw, pseudônimo de Sérgio Porto, tinha um humor considerado "corrosivo", apimentado. "Fazia graça descobrindo verdades e tinha a coragem de ser odiado por dizê-las". Como todo homem de sensibilidade, "desprezava os mesquinhos, os mediocres, os debiloides, os cretinos" - escreve Paulo Mendes Campos. Numa crônica em que desenha seu autorretrato, Stanislaw se define como "humorista a sério" e revela de quem não gostava: "puxa-saco, militar metido a machão, burro metido a sabido e, principalmente, racista".

VOSSAS XEXELÊNCIAS

Foi para combater as vossas excelências e as vossas xexelências que Stanislaw criou o FEBEAPÁ - Festival da Besteira que Assola o País. Lá registrava diariamente as asneiras dos "cocorocas": ministros, deputados, senadores, bispos, juizes, generais, delegados, externando tudo aquilo que estava engasgado na garganta de cada um de nós, nos vingando da babaquice oficial, com um estilo inconfundível.

A *Pretapress* - sua "agência de notícias" - não daria conta de tanta bobagem proferida pelas "novas otoridades", pelos negacionistas e terraplanistas. O general Pazuello, o ex-capitão Jair e quase todo o atual ministério seriam pratos feitos para o *Febeapá*, que hoje é representado pelos memes irônicos nas redes sociais.

O nosso general, para tranquilizar o país, sustentou que a pior fase da pandemia havia passado, porque as regiões do Norte e do Nordeste do Brasil estão situadas no Hemisfério Norte e sofreram mais com o inverno. Alguém comentou nas redes que o ministro deu "uma aula de geografia da terra plana".

- "Rezamos para o impacto [do coronavírus] ser menor, mas terá algum grau do impacto" - disse ele sobre a expansão da epidemia para o interior do país.

Quando o seu Ministério tentou escamotear os dados de mortos e infectados, os deputados o pressionaram durante sessão da Comissão Externa de Ações contra o coronavírus e ele, então, admitiu que "os dados são *inescondíveis*".

Ele fala besteira, mas pelo menos foi sincero quando disse:

- "Eu nem sabia o que era o SUS, porque passei a minha vida sendo tratado, também em instituição pública, mas do Exército. Vim conhecer o SUS, a partir de agora desse momento da vida".

- "Ele continua sem saber" - comentou o deputado Alexandre Padilha (PT-SP), ex-ministro da Saúde.

Com "zero" experiência em saúde pública, o ministro foi convidado por deputados e senadores, em 2 de dezembro último, para explicar a denúncia de que o Brasil corria o risco de perder, por data de validade, 6,86 milhões de testes para diagnóstico do coronavírus, segundo reportagem do *Estadão*. E, no dia seguinte, participou da reunião com ministros do Mercosul. Em ambas, fez uma ginástica intelectual, com declarações que levariam Stanislaw Ponte Preta ao delírio, se vivo fosse.



O FEBEAPÁ

O ministro Pazuello anunciou aos parlamentares que o Ministério busca uma vacina eficiente, mas que, se depender do governo, a população não será obrigada a se imunizar. Disse ainda que – e essa é a posição do ministério – “a nossa estratégia será a de não obrigatoriedade da vacina” e que falava como ministro, mas em total consonância com o presidente da República. “Obedece quem tem juízo”, havia dito o general de divisão quando levou um chega-prá-lá do capitão Jair, que o desautorizou a comprar “a vacina chinesa do Dória”. O general na ativa só faz o que manda o capitão excluído do Exército. Uma humilhação pública.

Naquela oportunidade, enquanto a Inglaterra já anunciava o início da imunização dos seus cidadãos na semana seguinte e outros países europeus ainda em 2020 ou em janeiro, o ministro previa para o Brasil iniciar só no mês de março. Ele não mencionou nem a Pfizer, nem a CoronaVac produzida pela China com o Instituto Butantan de São Paulo.

– Ignorar a possibilidade de comprar vacina da Pfizer é um crime – afirmou o fundador e ex-presidente da Anvisa, Gonzalo Vecina Neto, em entrevista à CNN Brasil. O governo está contando só com uma, a AstraZeneca, que será insuficiente para cobrir a demanda do país. Além disso – pergunta Vecina – por que começar só em março, quando podemos iniciar em janeiro?

Tudo isso dito num momento em que o país contabilizava mais de 180 mil mortos, com mais de 6,5 milhões de pessoas infectadas e, segundo especialistas, à beira de uma 2ª ou 3ª onda.

Na reunião, Pazuello horrorizou seus colegas do Mercosul ao preconizar “o tratamento precoce que fez e faz a diferença para Covid” e ao defender, nas entrelinhas, a cloroquina, mesmo com pesquisas indicando que seu uso pode causar sequelas graves.

Os especialistas assinalam que a mensagem faz as pessoas acreditarem na fantasia de que existem remédios contra o coronavírus, criada pelo capitão curandeiro da cloroquina e chancelada por uma compra de mais de R\$1,5 milhão para a fabricação do medicamento pelo Laboratório do Exército, decisão de Bolsonaro que não passou pela análise técnica da Anvisa, segundo o ex-ministro Luiz Mandetta.

O Ministério da Saúde já gastou R\$ 162,4 milhões em publicidade, dos quais R\$ 88 milhões em propaganda, sendo um terço (R\$ 30 milhões) em campanha sobre o agronegócio, a reabertura do comércio e os “feitos” do governo, em vez de informações sobre o distanciamento social e o combate à pandemia, segundo apuração do Repórter Brasil em matéria assinada por Diego Junqueira, que informa estar o Tribunal de Contas da União de olho nesses gastos que fogem da pauta do Ministério.



Imagem: TaQuiPrati.

O general Pazuello merece mesmo o diploma de sócio honorário do FEBEAPÁ conferido por Stanislaw Ponte Preta, na falta de um FECRUAPÁ – Festival das Crueldades que Assolam o País. Suspeito que a história vai fazê-los pagar caro por isso.

Os ministros da Saúde do Mercosul só faltaram dizer ao seu colega do Brasil: *Vacunación para usted también*. Quanto a Stanislaw, morto em 1968 aos 45 anos, só resta pedir emprestado a Paulo Mendes Campos o final de sua crônica que homenageava o humorista:

– “Não sei por que essa lembrança me comove e serve para fechar esta página que eu não queria triste. Que a tristeza fique conosco, os amigos que o amavam”.

P.S. – Ainda estudante, entrevistei Stanislaw Ponte Preta para um trabalho na disciplina ministrada por Zuenir Ventura, em 1966, no Curso de Comunicação da UFRJ. Sai daquela conversa com vontade de ser jornalista. Leitor fiel de Stanislaw, meu grande sonho, não realizado, era construir uma ponte sobre o igarapé de Manaus batizada de Ponte Preta. (Ver <http://taquiprati.com.br/cronica/1558-vacunacion-para-usted-general-pazuello>)



José Ribamar Bessa Freire – Professor Universitário. Cronista. Gestor do site www.taquiprati.com.br, onde publica suas crônicas semanalmente.



MARIA CONGA

————— José Gil Barbosa Terceiro

Aproximadamente nos idos de 1800, viveu no Povoado Isidória, na antiga Vila de Valença, um senhor de escravos muito cruel, que tinha entre os seus cativos uma negra chamada Maria Conga.

Maria era uma mulher de espírito livre, forçada a viver em escravidão, mas que, nem por isso, se submetia. Assim, era considerada pelo seu senhor como uma negra desobediente, rebelde e respondona.

Um dia, seu proprietário ordenou um serviço a Maria, mas esta recusou-se a fazer. Foi a gota d'água: Maria Conga foi condenada a viver por toda a vida presa a um tronco, para servir de exemplo a outros negros que porventura pensassem em desobedecer às ordens de seu proprietário.

Depois de muito tempo, Maria foi libertada no dia da morte do senhor de escravos, pois era praxe naquela região que os negros cativos beijassem os pés do seu senhor morto no caixão. Durante um bom tempo, os negros ficaram ali em fila beijando os pés do proprietário falecido, mas Maria recusou-se dizendo:

- Boca que beija santo não beija pé de defunto!

A família do morto considerou aquilo uma afronta imperdoável em um momento de dor e condenou Maria a retornar ao tronco, vivendo ali presa por

toda uma vida, só sendo libertada em 1888, após a abolição da escravidão no Brasil.

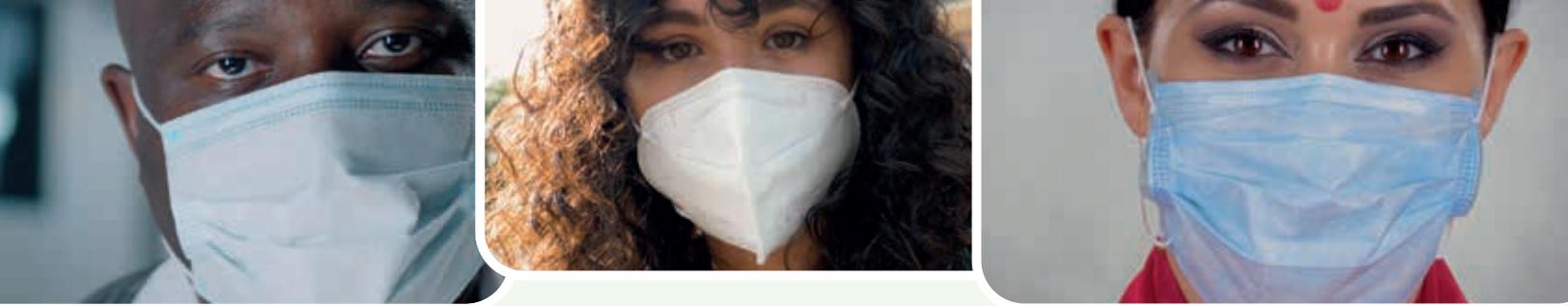
Por conta de sua história de coragem e resistência, bem como pela vida sofrida, Maria passou a ser considerada exemplo de resistência negra à escravidão. Contam que, quando libertada, ficou vagando sem rumo na região do povoado até o dia de sua morte, pois, ao lhe darem a liberdade, não lhe deram condições de vida. Maria não tinha casa, nem família, nem emprego, nem nada. Ficou vagando por aí até o dia de sua morte, mas sempre pregando contra a injustiça dos brancos.

Dizem que o seu espírito ainda vaga por ruas desertas e trilhas rurais da região de Valença do Piauí, assombrando e perseguindo pessoas preconceituosas que discriminem os negros ou cometam outras injustiças.



José Gil Barbosa Terceiro - Folclorista, em <https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/>. O autor cita como fonte: NOLÊTO, Rafael. *Mitologia Piaça: Deuses, Encantados, Espíritos e outros Seres Lendários do Piauí*. Teresina: Clube de Autores, 2019.





#VacinaParaTodos

♥ Para toda a humanidade

A vida pode ter significados distintos. Para alguns, uma passagem; para outros com começo meio e fim. Para alguns, trabalho; para outros diversão. Para alguns, acúmulo; para outros doação. Mas independente dos diversos significados da vida, em qualquer lugar do mundo, todas elas devem ter o mesmo valor e o mesmo cuidado, pois viver é um direito e nada pode mudar isso.

**Sinpro-DF em defesa
da Vacina Para Todos,
Para Toda a Humanidade.**





Foto: Divulgação



DO SONHO E DA TERRA

Ailton Krenak

Desde o Nordeste até o leste de Minas Gerais, onde fica o rio Doce e a reserva indígena das famílias Krenak, e também na Amazônia, na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia, no Alto Rio Negro, em todos esses lugares as nossas famílias estão passando por um momento de tensão nas relações políticas entre o Estado brasileiro e as sociedades indígenas.

Essa tensão não é de agora, mas se agravou com as recentes mudanças políticas introduzidas na vida do povo brasileiro, que estão atingindo de forma intensa centenas de comunidades indígenas que nas últimas décadas vêm insistindo para que o governo cumpra seu dever constitucional de assegurar os direitos desses grupos nos seus locais de origem, identificados no arranjo jurídico do país com as terras indígenas.

Não sei se todos conhecem as terminologias referentes à relação dos povos indígenas com os lugares onde vivem ou as atribuições que o Estado brasileiro tem dado a esses territórios ao longo da nossa história.

Desde os tempos coloniais, a questão do que fazer com a parte da população que sobreviveu aos trágicos primeiros encontros entre os dominadores europeus e os povos que viviam onde hoje chamamos, de maneira muito reduzida, de terras indígenas, levou a uma relação muito equivocada entre o Estado e essas comunidades.

É claro que durante esses anos nós deixamos de ser colônia para constituir o Estado brasileiro e entramos no século XXI, quando parte das previsões apostava que as populações indígenas não sobreviveriam à ocupação do território, pelo menos não mantendo formas próprias de organização, capazes de gerir suas vidas.

Isso porque a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira.

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX é ainda hoje precisar disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas comunidades tem de se manter no tempo, dando conta de si mesmas, sem criar uma dependência excessiva do Estado.



Ailton Krenak – Filósofo. Escritor, em “Ideias para adiar o fim do mundo”, Companhia das Letras, 2019.





FENG SHUI:

A FILOSOFIA CHINESA DO CUIDADO

Leonardo Boff



Nas suas múltiplas facetas, o Feng Shui representa uma síntese acabada do cuidado, concretizando na forma como se organiza o jardim e a casa humana e postulando uma justa medida e integração dos elementos presentes como raramente se conhece nas culturas históricas.

Podemos até dizer que os chineses são para o Oriente aquilo que os gregos foram para o Ocidente: os incansáveis buscadores do equilíbrio dinâmico em todas as coisas. Daí se deriva a crescente relevância que o Feng Shui está conquistando no mundo inteiro.

O supremo ideal da tradição chinesa que encontrou no “taoísmo” sua melhor expressão, representada por Lao-tse (século VI-V a.C.) e por Chuang-tsu (século V-IV a.C.) consiste em procurar a unidade mediante um processo integrado das diferenças, especialmente das conhecidas polaridades de ying/yang, masculino/feminino, espaço/tempo, celestial/terrenal, entre outras. O Tao representa esta integração, realidade inefável com a qual a pessoa busca se unir.

Tao significa caminho e método, mas também a energia misteriosa e secreta que produz todos os caminhos e projeta todos os métodos. Ele é inexprimível em palavras, diante dele vale o nobre silêncio. Faz-se presente em todas as coisas como princípio imanente de sentido. Subjaz no ying e no yang e através deles se manifesta.

O ideal humano é chegar a uma união profunda com o Tao que se produza o *satori*, a iluminação. Essa união nos confere a imortalidade e a eternidade. Para os taoístas, o bem supremo não se dá no além-morte como para os cristãos, mas ainda no tempo e na história, mediante uma experiência de não dualidade e de integração no Tao. Ao morrer, a pessoa se unifica com o Tao.

Para se alcançar esta união, faz-se imprescindível a sintonia com a energia vital que perpassa o céu e a terra, o *chi*. *Chi* é intraduzível, mas equivale ao *ruah* dos judeus, ao *pneuma* dos gregos, ao *spiritus* dos latinos e ao axé dos yoruba/nagô, expressões que designam o sopro universal, a energia suprema e cósmica.

É por força do *Chi* que todas as coisas se transformam (conforme o livro *Ching*, o livro das mutações) e se mantêm permanente em processo. Flui no ser humano através dos meridianos da acupuntura. Circula na terra pelas veias telúricas subterrâneas, compostas pelos campos eletromagnéticos distribuídos ao longo de meridianos de ecopuntura que entrecruzam a superfície terrestre.

Quando o *Chi* se expande, significa vida, quando retrai, morte. Quando ganha peso, apresenta-se como matéria, quando se torna sutil, como espírito. A natureza é a combinação sábia dos vários estados do *Chi*, desde os mais pesados até os mais leves.

O *Chi* assume a forma dos dois animais arquetípicos da cultura chinesa, o tigre e o dragão. Eles significam a racionalidade e o masculino (tigre) e emoção e o feminino (dragão). Quando se encontram num determinado lugar, surge uma paisagem aprazível com brisas suaves e águas cristalinas, montanhas sinuosas e vales verdejantes. É um convite para o ser humano instalar aí sua morada.

A visão chinesa do mundo privilegia o espaço, à diferença do Ocidente que privilegia o tempo. O espaço para o taoísmo é o lugar do encontro, do convívio, das interações de todos com todos, pois todos são portadores da energia *Chi*, que impregna o espaço.

A suprema expressão do espaço se realiza na casa e no jardim. Mesmo na forma de miniatura, eles constituem um resumo do universo, a harmonização dos elementos, o encontro sinfônico das realidades.

Se o ser humano quiser ser feliz, deve desenvolver a topofilia, o amor ao lugar onde mora e onde constrói seu jardim. O Feng Shui é a arte e a técnica de bem construir a casa e o jardim.

Que é, pois, o Feng Shui? Literalmente, significa “vento e água”. Originalmente era o sábio que, a partir de sua observação da natureza e da fina sintonia como o *Chi*, fornecia as indicações ideais para montar a casa e o jardim.

Beatriz Bartoly, uma das melhores conhecedoras desta filosofia no Brasil, escreve que “o Feng Shui nos remete para uma forma de zelo carinhoso – nós diríamos cuidadoso e terno – com o banal de nossa existência que, no Ocidente, por longo tempo, tem sido desprestigiado e menosprezado: cuidar das plantas, dos animais, arrumar a casa, cuidar da limpeza, da manutenção dos aposentos, preparar os alimentos, ornamentar o cotidiano com a prosaica e, ao mesmo tempo, majestosa beleza da natureza.

Porém, mais do que as construções e as obras humanas é a sua conduta e a sua ação que que é alvo maior desta filosofia de vida, pois mais do que os resultados, o Feng Shui visa o processo. É o exercício do embelezamento que importa, mais do que o belo cenário que se alcança através dele. O valor está na ação e não na construção, na conduta e não na obra”.

Como se depreende, a filosofia Feng Shui visa antes o sujeito que o objeto, mais a pessoa do que o ambiente e a casa em si. A pessoa precisa envolver-se no processo, desenvolver a percepção do ambiente, captar os fluxos energéticos e os ritmos da natureza.

Deve assumir uma conduta em harmonia com os outros, com o cosmos e com os processos rítmicos da natureza. Quando tiver criado essa ecologia interior, está capacitado para organizar, com sucesso, sua ecologia exterior.

Mais do que uma ciência e arte, o Feng Shui é fundamentalmente uma ética ecológica-cósmica de como cuidar da correta distribuição do *Chi* em nosso ambiente inteiro.

Face ao desmantelamento do cuidado e à grave crise ecológica atual, a milenar sabedoria do Feng Shui nos ajuda a refazer a aliança de simpatia e de amor para com a natureza. Essa conduta reconstrói a morada humana assentada sobre o cuidado e as suas múltiplas ressonâncias.



Leonardo Boff - Filósofo. Escritor, em “Saber Cuidar”. Editora Vozes, 18ª edição, 2012.



OXUM:

A DONA DO ANO 2021

Deusa do amor, da beleza, da fertilidade, do dinheiro, do ouro e das pedras preciosas



Ilustração: Carybé

————— Iêda Vilas-Bôas e Reinaldo Bueno Filho

Falar da Yabá Oxum, neste momento desafiador em que estamos vivendo, é como sermos presenteados com flores, com lírios amarelos e um dulcíssimo pote de mel, e ter dela a permissão de compartilhar dessa doçura com vocês!

O nome Oxum vem do Yorubá: Osun, Oshun ou Ochun. É uma Yabá (orixá feminina) que reina sobre as águas doces, rios e cachoeiras. É a deusa do rio Oxum, que fica no Sudoeste da Nigéria e corre, também, pelas terras de Ijexá e Ijebu.

Esta Orixá está ligada às riquezas espirituais e materiais da vida, da sensibilidade, da sabedoria, do jogo de Búzios e do empoderamento feminino. Oxum é cultuada como rainha da nação Ijexá. Tem o título de Iyálodê: a grande mãe entre os orixás.

Deusa da beleza, Oxum é a Orixá do amor, da prosperidade, da fertilidade e da maternidade. É responsável pela proteção dos fetos e das crianças recém-nascidas e, por isso, é muito adorada pelas mulheres que desejam engravidar. A orixá Oxum tem domínio sobre o líquido amniótico, a gravidez, sobre o feto, e sua proteção à criança



estende-se até os 7 anos de idade, quando passa a responsabilidade ao orixá de cabeça

Oxum atua também na vida financeira e na prosperidade material, a que se deve sua denominação de “Senhora do Ouro”, que outrora era do cobre, por ser o metal mais valioso da época.

Conta a lenda que era comum que os Orixás masculinos se reunissem para discutir assuntos sobre a humanidade. Oxum sempre achou isso muito injusto, pois ela sabia que tinha sabedoria e poder suficiente para opinar sobre as questões dos homens. Mesmo insistindo com eles, nunca conseguiu espaço para se expressar.

Assim, como forma de ser ouvida e como última opção, ela decidiu usar a sua astúcia: Oxum tirou a graça e o poder da fertilidade de todas as mulheres e, dessa forma, nenhum homem haveria mais de nascer. No corpo humano, Oxum rege o aparelho reprodutor e os hormônios, é Orixá da maternidade.

Percebendo a ausência dos nascimentos na Terra, os Orixás foram a Olorum (o grande Criador), para indagar a Ele o que estaria acontecendo. Olorum revelou o feitiço que Oxum havia feito. E que ele achava correto, a menos que os Orixás masculinos ouvissem também as Yabás para a tomada de decisões.

Oxum, aí, encarna todo o poder da maternidade e do poderio feminino. A partir de então, Oxum foi convidada a participar das reuniões e das decisões. Aparte na narrativa para refletirmos sobre a luta das mulheres – nada lhes é dado ou permitido, a não ser pela resistência. Que as mulheres sejam de luta! Oxum nos ensina como lutar de forma inteligente e nos acalenta nos momentos de desafios. E nos impulsiona a lutar e a vibrar com amor e pelo amor.

A pandemia-Covid19 é um enorme desafio. Este ano de 2021 será regido por Oxum. Precisamos de acreditar no arquétipo da deusa Oxum – deusa do amor – para o enfrentamento: amor por si, pelo semelhante, pelos parentes, pelos desconhecidos... Enfim, amar a todos sem distinção, sem partidatismo político, mas simplesmente nos amarmos, para sairmos juntos desse infortúnio.

Precisaremos aprender a lidar com as diferenças e divergências com sabedoria, com cautela e equidade, com honestidade, e assim buscarmos meios de atingir nosso objetivo: acabar com a maldita doença.

No Sincretismo, Oxum é Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição, também, tendo seu dia comemorado em 8 de dezembro. Na Bahia, é Nossa Senhora das Candeias. No Recife, Nossa Senhora dos Prazeres.

Mamãe Oxum, como é carinhosamente chamada, é responsável por nos acolher durante as tempestades emocionais e estará a postos, nos acompanhando em isolamentos eternos, no uso da incomodante máscara, nos lockdowns e em outras ações que se fizerem necessárias.

Será com a energia de Mamãe Oxum que teremos tranquilidade e orientação para escolhermos caminhos seguros e pacíficos, equilibrados e amorosos.

Outra lição de Mamãe Oxum para o próximo ano diz respeito à sororidade. Ela nos ensina que a mulher não pode viver refém da beleza e deixar que seus dotes físicos favoreçam o poder do homem, do patriarcalismo sobre cada mulher. Ela ensina que a mulher já é linda por natureza, tenha o fenótipo que tiver, pois beleza vai além do físico. Ensina que será preciso que todas as mulheres se deem as mãos para combater o machismo, a misoginia, o feminicídio, o sexismo, o patriarcado e a supremacia masculina, principalmente neste governo que odeia as mulheres.

Que o espelho de Oxum, antes de ser objeto de vaidade, nos sirva para nossa introspeção. Que toda mulher possa mergulhar em si mesma, ver seu íntimo, se conhecer mais, se saber mais capaz e poderosa. Que o espelho de Oxum sirva de ferramenta para enfrentarmos os desafios do mundo e nossos próprios desafios.

Por que Oxum chora? Oxum chora porque ainda há no mundo muita “feiura”. Quando Oxum deixa de olhar seu espelho para olhar para o mundo dos homens, ela chora e chora... um choro sentido, um lamento, como uma cantiga em Yorubá.

A faceira e delicada Oxum tem domínio também sobre a sexualidade e a sedução, sendo a orixá do amor, responsável pelas ligações amorosas.

Oxum é também a protetora da liberdade. Ajudou seu povo preto a suprimir um contido e escondido canto para que peles não fossem cortadas no açoite. Foi pela força de Oxum que deram licença, há cento e trinta anos, para que atabaques pudessem ser tocados e cantos entoados em alto e bom som e às claras.

Sob a proteção de Oxum, o som do atabaque e uma cultura aprisionada foram libertados. Antes, as religiões afro-brasileiras eram tratadas com marginalidade, vistas como malandragem, tratadas com desrespeito, intolerância e violência.

É pelo poder criador de Oxum que o povo do Axé foi liberto de seus grilhões físicos e emocionais. Hoje, a lei dos homens brasileiros reconhece o valor do Axé, mas, ainda assim, com ressalvas. Lutemos pela valorização das crenças e pela importância da liberdade.

Oxum, Deusa do amor, Yabá das águas doces, mãe amorosa dos povos novos e antigos, cuida de nós!

Ora Yê Yê Ô! Mamãe Oxum! (Olha por nós, mãezinha!)



Iêda Vilas-Bôas –
Escritora.



Reinaldo Filho Vilas Boas
Bueno – Escritor.



Dias 19 e 20 de setembro de 2021
o mundo vai celebrar **PAULO FREIRE**
em Recife. **Participe!**

100°

ANIVERSÁRIO PAULO FREIRE
1921-2021

Dia 19 de setembro: PRAÇA DO CARMO
20 de setembro: UPFE

No centenário do nascimento de Paulo Freire, o mundo se reúne no Brasil para recordar e manter vivo o legado do professor Freire. Acesse o site e acompanhe os eventos comemorativos programados até o dia 20 de setembro de 2021.

fnpe.org.br/centenariopaulofreire

#paulofreire100

REALIZAÇÃO



RED ESTRADO

CNE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br



Ilustração: Dominique Jardey/ divulgação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **210**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

